

**MAGNO ALEXON BEZERRA SEABRA
EDILENE DA SILVA SANTOS
ORGANIZADORES**

TEORIA PIAGETIANA EM FOCO **análise das atividades em crianças**



**EDITORA DO CCTA
JOÃO PESSOA
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITOR: VALDINEY VELOSO GOUVEIA
VICE-REITORA: LIANA FILGUEIRA CAVALCANTE



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA

EDITOR

Dr Ulisses Carvalho Silva

CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

Dr Ulisses Carvalho Silva

Carlos José Cartaxo

Magno Alexon Bezerra Seabra

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho



Projeto gráfico e capa: José Luiz da Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

T314 Teoria Piagetiana em foco: análise das atividades em crianças
[recurso eletrônico]/ Organização: Magno Alexon Bezerra
Seabra, Edilene da Silva Santos. - João Pessoa: Editora do
CCTA, 2024.
Recurso digital (1.11MB)
Formato: ePDF
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN: 978-65-5621-413-9
DOI 10.5281/zenodo.10998505
1. Educação infantil. 2. Piaget - Ensino. 3. Piaget – Teoria e
aplicações. 4. Educação inclusiva. I. Seabra, Magno Alexon
Bezerra. II. Santos, Edilene da Silva.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 373.2

Elaborada por: Susiquine Ricardo Silva – CRB 15/653

SUMÁRIO

- 4** BINGO DE NÚMEROS: ESTUDO BASEADO NAS CONTRIBUIÇÕES DE PIAGET
Magno Alexon Bezerra Seabra
Joelma Gomes dos Santos
Cynthia Tribuzy Pereira de Mello
- 18** APLICAÇÃO DO LEGO EM CRIANÇAS À LUZ DA TEORIA PIAGETIANA
Magno Alexon Bezerra Seabra
Janaina Freire Pereira
Edilene da Silva Santos
- 27** DESENHOS E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA PIAGETIANA
Magno Alexon Bezerra Seabra
Alana Evellyn da Silva Almeida
Camila Laís Gomes de Lima
- 46** EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DESENVOLVIMENTO HUMANO: EXPLORANDO CONCEITOS, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES EDUCACIONAIS
Magno Alexon Bezerra Seabra
Elaine Cristina da Silva Brito Farias
Giuliana Cavalcanti Vasconcelos
- 60** O OLHAR PIAGETIANO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
Magno Alexon Bezerra Seabra
60 Maria Maysa Romão Bezerra
60 Nadja dos Santos Araújo

BINGO DE NÚMEROS:

ESTUDO BASEADO NAS CONTRIBUIÇÕES DE PIAGET

Magno Alexon Bezerra Seabra

Joelma Gomes dos Santos

Cynthia Tribuzy Pereira de Mello

INTRODUÇÃO

A princípio, destaca-se que o país tem uma vasta diversidade de pessoas que o compõem, todavia olhando pela perspectiva do contexto histórico, a sociedade criou o conceito de pessoas “normais” e “anormais”, então esses nomeados de incomuns foram por muito tempo excluídos da sociedade, sofrendo racismo, preconceito e diversas formas de violência. À medida que o tempo passa, esses indivíduos lutam pelos seus direitos e gradativamente superando várias barreiras.

Diante disso, este artigo buscou trazer contribuições de teóricos que têm olhar para a educação e sobretudo a educação inclusiva, que contribuiu para as pessoas historicamente marginalizadas.

Este trabalho abordou sobre a inclusão, as terminologias das pessoas com deficiências, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), como também autores como: Pestalozzi, Comenius, que trouxeram contribuições no que diz respeito à educação. Além disso, realizou-se uma pesquisa para identificar o desenvolvimento de duas crianças, fundamentando nos estudos de Piaget sobre as fases de desenvolvimento. Sendo assim, toda essa discussão teórica no decorrer deste trabalho foi fundamental para a análise, lançando um olhar sobre os sujeitos pesquisados.

Diante tudo que foi exposto, espera-se que favoreça o entendimento sobre aspectos da educação e sobretudo a educação especial. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo contribuir para uma maior compreensão acerca da educação inclusiva, como também compreender como as crianças na fase pré-operatório agem.

PENSANDO SOBRE À INCLUSÃO

O nome inclusão tem sido bastante citado nos últimos tempos, seja nas instituições de ensino, na televisão, hospitais, shopping, entre outros lugares. Todavia, o que de fato quer dizer esse termo? Qual sua importância? diante da questão supracitada, é interessante destacar teóricos que falem sobre essa temática. Inicialmente, pode-se destacar que de acordo com Sasaki (1947) a inclusão é um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e a preparação para que estas possam assumir seus papéis na sociedade.

Além disso, Camargo (2017, p. 1) em seus estudos diz que “a inclusão, portanto, é uma prática social que se aplica no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente, na atitude e no perceber das coisas, de si e dos outros”. Nesse aspecto, é perceptível como esse assunto é profundo, não só para entender a sua definição, mas verdadeiramente compreender a relevância dele para a sociedade. Como futuros pedagogos, iremos conviver com muitos alunos, uns diferentes dos outros todos os dias dentro do contexto de sala de aula, então é fundamental fazermos a inclusão de todos e ela deve ser prioridade.

Ademais, a inclusão segundo Mantoan (2002) é uma inovação cujo sentido tem sido muito distorcido e um movimento muito polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais. Poderia se dizer que a inclusão surge a princípio, com uma alternativa de eliminar as situa-

ções de desintegração e exclusão em que se encontram muitos alunos nas escolas sob o enfoque da integração. Desta forma, é preciso um olhar por parte da sociedade para que verdadeiramente a inclusão venha acontecer.

Atualmente a inclusão tem sido mais efetiva na sociedade brasileira, pois depois de muitas lutas, existem Leis que traz essa temática em evidência como principal referência a Constituição Federal de 1988 que expõe que a educação é um direito de todos, como também, políticas públicas que visam propiciar uma maior inclusão num país onde ainda há infelizmente existe a exclusão e integração.

TERMINOLOGIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM PERÍODOS DISTINTOS

Ao longo da história muitas coisas aconteceram no que diz respeito à educação especial. Todavia, é interessante destacar que os indivíduos com algum tipo de deficiência sofreram, lutaram para ter seus direitos garantidos e sobretudo sobre como os chamavam, e com o tempo foram nomeados de várias maneiras, algumas preconceituosas e diminutivas.

No dizer de Silva (2009, p. 117), “algumas expressões e palavras realçam a incapacidade, outras, mais a noção de deficiência e algumas sequer chegam a mencionar a deficiência, usando de eufemismo. Para Leite (2007, p. 106), muitos termos ou denominações utilizadas nos revelam concepções equivocadas ou enraizadas em preconceitos.

Algumas terminologias foram bastante utilizadas, como por exemplo, excepcionais, isto é, pessoas com deficiência intelectual. Também, pessoa deficiente foi utilizado, e segundo Fernanda (2020), o substantivo “deficiente” passou a ser utilizado como adjetivo, sendo atribuído o valor de “pessoa” àqueles que tinham deficiência. Além do mais, pessoas especiais/ com necessidades especiais, começou a ser utilizado como meio

para substituir “deficiência”, em uma tentativa de amenizar a contundência dessa palavra.

Contudo, de acordo com Leite (2007), os vocábulos:

“excepcional”, “inválido” e “deficiente” têm conteúdo flagrantemente preconceituoso, pois trazem a ideia de que as pessoas que denominam se encontram fora dos padrões, não são válidas, não são eficientes, e também excludente, porque ressaltam mais as diferenças que as similitudes, em relação aos demais, dos indivíduos que qualificam.

Atualmente, de acordo com a Lei 13.146, de 6 de julho de 2015:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.”²

Então, é fundamental que se conheça sobre essas nomenclaturas para perceber de forma linear como aconteceu o significado dessas terminologias para não cair no erro de ser preconceituoso no contexto da sala de aula, ou até mesmo agressivo com esses indivíduos. Sendo assim, atualmente, se faz necessário compreender que a terminologia certa para chamar esses indivíduos discutido ao longo desse tópico é pessoa com deficiência, definido pela Convenção das Nações Unidas. Desse modo, é preciso que haja uma conscientização a respeito da temática.

O PROFISSIONAL NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

A educação especial é um assunto que atualmente tem se falado constantemente e com o passar do tempo diante de tantas lutas, conseguiram ter alguns direitos e um deles é o AEE, ou seja, Atendimento

Educacional Especializado. De acordo com o Ministério da Educação tem por objetivo identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento é fundamental, pois traz muitos benefícios para as pessoas com deficiência que antes não tinham acesso a quase nada que melhorasse seu desenvolvimento.

Ademais, dentro dessa modalidade o profissional que está inserido para desenvolver na prática é uma pessoa que tenha licença para tal função, isto é, seja professor e tenha uma especialização na área da educação especial. Esse indivíduo precisa realizar algumas tarefas, e de acordo com o decreto nº 186 de julho de 2008, (BRASIL, 2008) elenca nove atribuições do professor, todavia, é interessante ressaltar uma delas que é um dos grandes desafios para esses profissionais. A Lei expõe: Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno. Diante disso, Perez (2004): “Afirma que a família e a escola têm os mesmos objetivos no processo de ensino aprendizagem dos filhos/alunos, mas o que vemos hoje nem sempre demonstra parceria ou colaboração.”

Dessa compreensão, o professor do AEE, vai ter que lidar com essa questão de muitas vezes não ser compreendido, visto que cada família está inserida em um contexto, têm personalidades e opiniões diferentes, sem contar com os professores em sala, onde acham que são detentores do saber e não aceitam ser orientados e isso é um fato, todavia, o profissional precisa estar preparado para lidar com tal situação, seja com o professor em sala de aula ou com os pais.

Outrossim, saber dessas informações é relevante, porque se apropriando delas é possível fazer uma análise crítica a respeito de como o AEE tem se mostrado, se de fato realizam o que é proposto para fazê-los e sobretudo qual a função do professor dentro dessa modalidade.

Diante tudo que foi exposto, é importante frisar que o Atendimento Educacional Especializado deve atender às pessoas que precisam dele, pois é Lei. Podendo ser visto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Constituição Federal e a Lei de Inclusão da pessoa com deficiência. Perante o exposto é fundamental que não estejam apenas sendo asseguradas no papel, mas de forma eficaz e efetiva no dia a dia..

CONTRIBUIÇÕES DE PESTALOZZI PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Na área da educação muitos teóricos são estudados como Wallon, Piaget, Karl Marx, Montessori, Pimenta e Lima, Libâneo, dentre tantos outros, porém, destaca-se Johann Heinrich Pestalozzi, visto que ele traz grandes contribuições para a educação, sobretudo em relação ao amor, pois a sociedade tem se tornado cada dia mais sem esse sentimento. Diante disso é interessante ressaltar que:

O pensamento de Pestalozzi propunha inovações pedagógicas que envolveu o processo de aprendizagem aspirando a suprema plenitude do aluno ponto defendia a educação como processo natural que se fundamenta no desenvolvimento interno das Crianças entendendo as boas por natureza com tendência natural para se desenvolverem, pestalozzi conceber a educação como processo que deve seguir a natureza e os princípios como da Liberdade, da Bondade inata do ser da personalidade de cada criança. (Pestalozzi, 1899, p. 24).

Além disso, segundo Incontrin (1997):

Para Pestalozzi, a organização exterior reflete a organização interna ponto não há possibilidade de se fazer uma sociedade justa se não houver homem. Por isso, todo seu esforço, muito além de querer instruir ao povo, foi no sentido de moralizar o homem, de convidá-lo a tornar-se o que ele é potencialmente. E para isso, ao contrário da maioria absoluta dos pensadores, Pestalozzi não se satisfaz em

semear ideias: tomou pelas mãos do próprio homem, ainda criança, para tentar conectá-lo consigo mesmo.

Sem contar que ele utilizava em suas vivências o ensino compartilhado, onde o estudante aprendia e ensinava e vice-versa, e essa didática tinha por meta proporcionar as habilidades pedagógicas que cada aluno precisava alcançar, sendo assim, cooperando em relação ao ensino compartilhado e a colaboração, ao invés daqueles embates.

Essas cooperações citadas por esse teórico anteriormente, são apenas algumas, ainda existem várias que agregam de maneira expressiva para a educação, seja para os alunos, professores, gestores, enfim, todo o corpo que compõe a instituição de ensino. Diante disso, é indiscutível que a abordagem de Pestalozzi trouxe muitos significados ao campo social, visto que acreditava que a educação era para ser o ponto inicial das reformas sociais e principalmente para a diversidade na área da educação, visando desta forma a exclusão de ninguém dentro do contexto escolar.

Além disso, é perceptível que ele foi e é bastante significativo, visto que atualmente existem até associações que levam o seu nome, pois esse educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi deixou sua marca à Educação e às pessoas com deficiência, a partir do século XVIII, sobretudo por ter colocado em destaque a sensibilidade como fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem inclusive com as pessoas deficientes.

COMENIUS E SUAS COLABORAÇÕES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Na época de João Amos Comenius muitos não tinham acesso à educação, por isso este educador trouxe contribuições muito significativas, uma vez que apenas as pessoas com alto poder aquisitivo gozavam do privilégio de estudar, no entanto Comenius (2002) pregava ensinar tudo a todos, por um lado iniciava o modelo tradicional, que para época era mo-

verno, complementado por Herbart (1776-1841). De fato, independente da cor, da raça, do poder aquisitivo, ou de outras características, todos sem exceção, têm direito a uma educação de qualidade, por isso Comenius trouxe esse olhar, vislumbrando que de fato a educação para todos.

Vale ressaltar também que Comenius foi e é um dos grandes pensadores do seu tempo e atualmente, porque sua obra *Didática Magna*, é utilizado como referência até os dias de hoje, sobretudo nos cursos que envolve a educação, Segundo Oliveira (2012), ele influenciou:

A associação do conteúdo escolar com o cotidiano dos alunos, a relação professor aluno que deve ser mais dialogada onde o professor deve ser um agente facilitador do conhecimento. A questão do ambiente escolar que apesar da falta de estrutura das escolas, os professores procuram manter as salas bem arrumadas e enfeitadas, principalmente na educação infantil e isso Comenius já enfatizava em seu tempo. Além do mais, foi por meio dele que hoje temos um ensino mais harmonizado e mais humano, onde o aluno não está só na condição de aprendiz ele pode também interagir com o professor e o professor também aprender com o aluno.

Ademais, para Ahlert (2006),

A obra de Johann Amos Comenius, é um dos patrimônios mais importantes da história da pedagogia ocidental e teve importante contribuição e influência nos processos de formação, educação e pesquisa no período em que a sociedade ocidental passou do feudalismo para o capitalismo. Sua obra está ajustada ao seu tempo, dando respostas ao que o novo demandava. Acreditamos que, tanto suas obras pedagógicas quanto suas obras como reformador social podem, através de uma releitura, iluminar nossas realidades pedagógicas e as perguntas que elas levantam aos educadores. Sua utopia de ensinar tudo a todos, numa proposta essencialmente comunitária e participativa, pode ser fonte para a reconstrução de utopias para nossos dias.

Diante tudo que foi exposto é indiscutível a importância desse indivíduo na qual foi estudado durante esse texto para todos da educação, para que assim, possam melhorar sua prática pedagógica e que principalmente que todos os alunos venham construir conhecimentos de maneira significativa, suas idéias e argumentos corroboram para tal. Além do mais, uma das palavras chave para um conceito trazido por ele que de fato, agregou de maneira significativa é, inclusão de todos e ela surge a princípio, como uma alternativa de eliminar as situações de desintegração e exclusão em que se encontram muitos alunos nas escolas sob o enfoque da integração. Desta maneira, é preciso um olhar por parte de todos na sociedade, atento para que verdadeiramente a inclusão, mencionada anteriormente, venha acontecer de forma efetiva.

APLICAÇÃO DE UM BINGO EM CRIANÇAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Aplicou-se uma atividade chamada bingo de números. Trata-se de um jogo de números aleatórios de 1 a 9. A cada nova rodada um número é sorteado e o jogador verifica se ele está na sua cartela. O jogador completa sua(s) cartela(s) marcando os números sorteados. Conclui-se ao completar toda a cartela.

Esse jogo de acordo com Ligia (2021) em sua pesquisa realizada em sala de aula com seus alunos demonstrou que “Amplia e aprofunda os conhecimentos de noções de números, explorando-os em diferentes contextos; observar e reconhecer diferentes portadores numéricos e as informações que contêm”.

Portanto, utilizá-lo em sala de aula é um ótimo recurso para desenvolver tais habilidades e competências nos estudantes. Visando também ensinar o conteúdo de matemática de maneira divertida e lúdica.

Figura 01: Bingo dos números de 0 a 10

BINGO			BINGO		
8	6	5	3	8	10
7	3	2	1	2	4
9	4	1	5	6	7
BINGO			BINGO		
7	5	3	9	6	4
6	10	1	3	1	5
2	9	8	8	10	2

Fonte: Retirado no momento da aplicação

A atividade foi realizada numa escola privada com duas crianças de 4 (quatro) anos de idade, elas não possuem nenhum tipo de deficiência, são estudantes do turno da tarde, são de classe média e segundo a professora da sala, são animadas, interagem, gostam de participar e estudar. Além do mais, salienta-se que nessa faixa etária geralmente elas possuem amigos imaginários e muita facilidade em fantasiar, dentre muitas outras características e segundo Harrow (1983) essa fase é o período sensível para que as formas motoras básicas sejam desenvolvidas corretamente na criança. Com isso, as atividades pré-escolares, que é a fase na qual essas duas meninas se encontram, devem fundamentar-se nas formas motoras básicas para contribuir com o desenvolvimento das crianças.

Na aplicação do jogo, foi entregue as cartelas a elas, explicando como funcionava e, então, foram sorteados os números e à medida que

os números eram sorteados, ambas marcavam. Vale salientar que as duas procuravam os números e encontraram rapidamente na cartela, todavia, confundiram um dos números, o 0 pelo 6, mas com o direcionamento, fazendo perguntas de compreensão como: Tem certeza que esse é o certo? Olha novamente, entre outras, desta forma, fazendo elas refletirem e então conseguiram preencher todas a cartela. Foi uma alegria só, pra saber quem iria vencer, concluíram com êxito o jogo de bingo.

Figura 02: Aplicação do jogo



.Fonte: Retirado no momento da aplicação

Perante o exposto, cabe ressaltar sobre Piaget, um estudioso que divide o desenvolvimento cognitivo em quatro fases, sensório motor, pré-operatório, operatório- concreto e operatório formal, diante disso:

Piaget distingue quatro grandes períodos no desenvolvimento das estruturas cognitivas, intimamente relacionados ao desenvolvimento da afetividade e da socialização da criança: estágio da inteligência sensório-motora (até, aproximadamente, os 2 anos); estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da

inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e estágio da inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos)

As crianças que participaram da atividade se encontram na segunda fase citada, ou seja, pré-operatório e essa fase tem características que casam bem com a atividade, porque é a fase do egocentrismo e nas palavras de Piaget, o egocentrismo é:

Uma incapacidade por parte de uma criança em fase pré-operatória de desenvolvimento de ver qualquer ponto de vista diferente do seu, e o egocentrismo se caracteriza basicamente por centrar-se de tal forma em seu próprio ponto de vista ao ponto de não conseguir assumir outro. O *egocentrismo* é uma forma de concentração, e pode ajudar a explicar alguns problemas que crianças têm para separar o conteúdo de suas mentes da realidade.

Baseando nessa explicação, de fato a criança quer tudo pra si, não pensa no outro, sendo assim, as duas estavam eufóricas, porque almejavam ser a ganhadora, não queria perder de forma alguma para a outra, mas sim ser a ganhadora. Além do mais, o teórico mencionado também expõe que essa fase é a dos porquês, e de fato nesta atividade elas demonstraram essa característica, sempre perguntando o porquê de tudo e isso se pendurou durante toda atividade. Desta maneira, é possível verificar que a teórica e prática são indissociáveis.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados ao decorrer do artigo e dos argumentos apresentados a respeito deste trabalho verificou-se que existe uma vasta trajetória no que diz respeito à educação especial, mostrando que durante esse percurso, muitos teóricos se levantaram e leis para contribuir de maneira significativa para a inclusão de todos os indivíduos sem distinção como Pestalozzi, Comenius, Piaget dentre outros citados no decorrer desse trabalho.

Salienta-se que os objetivos deste artigo foram alcançados, visto que foi exposto os teóricos, como também a atividade aplicada que foi se fundamentando na comparação da fase na qual a criança se encontrava mediante as fases propostas por Piaget, trazendo reflexões a respeito. Nesse contexto, sinalizamos a importância de novas pesquisas e espera-se que novas pesquisas sejam realizadas para que de fato a inclusão venha atingir todos e que frequentemente se tenha um estudo desses teóricos.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Alvori. *Educação, ética e cidadania em Johann Amos Comenius: aproximações com Paulo Freire*. Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4602_2006/et2006-2f_aahlert.pdf. Acesso em 09 de maio de 2023.
- BRASIL. *Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica*. Decreto nº 6.571, 18 set. 2008.
- CAMARGO, E. P. *Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces*. Ciência & Educação, v. 23, n. 1, Bauru, 2017.
- COMENIUS. *Didática Magna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- INCONTRIN, Dora. Pestalozzi: *Educação e Ética*. São Paulo, Editora Scipione, 1997.
- LEITE, Flávia Piva Almeida. *O município acessível à pessoa portadora de deficiência: o direito à eliminação das barreiras arquitetônicas*. São Paulo: RCS, 2007.
- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças*. Disponível em: Acesso em: 21 de setembro de 2019.

OLIVEIRA, Cassiane. *Comenius e a educação para todos*. Disponível em: <https://www.fernandosantiago.com.br/comenius.pdf>. Acesso em 09/05/2023.

PEREZ, M. C. A. *Família e Escola na Contemporaneidade: Fenômeno Social*. Revista Ibero Americana de Estudos em Educação, UNESP, vol.4 nº3, 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/2763/2499> Acesso em: 09 set. 2014.

PESTALOZZI, J. H. *Cartas sobre educación infantil*. 3. ed. Tradução de José María Quintana Cabanas. Madrid, España: Editorial Tecnos S. A, 2012 [1818-1819]. 146 p.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: Editora WVA, 2002. Disponível em: . Acesso em 21 de out. 2010.

SILVA, Eduardo Jannone da. *Tutela jurídica do direito à saúde da pessoa portadora de deficiência*. Curitiba: Juruá, 2009.

APLICAÇÃO DO LEGO EM CRIANÇAS À LUZ DA TEORIA PIAGETIANA

Magno Alexon Bezerra Seabra

Janaina Freire Pereira

Edilene da Silva Santos

INTRODUÇÃO

Ultimamente muito se fala sobre educação especial, por isso buscou-se aprofundar sobre essa temática. Este trabalho teve como objetivo observar como se pode aplicar as teorias de Piaget considerando o desenvolvimento cognitivo em uma simples atividade, que no caso deste trabalho, utilizou-se o LEGO.

Além disso, o trabalho traz explicações a partir de outros autores da área da educação, todavia suas teorias aplicadas ao público da educação especial de maneira a deixar mais fundamentado os trabalhos dos futuros pedagogos, que muitas vezes não sabem qual fundamentação teórica utilizar na sua atuação, dessa forma, esta pesquisa demonstra que alguns autores já trabalhados podem ser utilizados como fundamentação para a prática pedagógica. Como também traz em seu texto sobre a inclusão e o quanto importante ela é, pois é através dela que todos podem fazer parte e se integrar a algo.

O trabalho traz conceitos e discussões sobre inclusão, teóricos que embasam sobre os fundamentos da educação, além de trazer a visão sobre a educação especial de cada um dos teóricos apresentados, dentre eles estão Pestalozzi, Comenius e Charaudeau. Abordou-se também sucintamente sobre a história da terminologia. Também incluiu-se a relação

das fases de Jean Piaget e a realidade de uma criança autista de 3 anos que está na fase Fase Simbólica (2 a 4 anos).

REFLETINDO SOBRE A INCLUSÃO

Tendo em vista que, é fundamental que a educação inclusiva tenha um caráter interativo e transversal, que esteja focado na resposta educacional e não na deficiência ou outra condição de desvantagem, mais fundada na perspectiva social que limita ou o impede de ter as mesmas oportunidades de desenvolvimento pessoal, desvinculando-se a idéia de que a incapacidade está sempre no sujeito e nunca em seu entorno. É preciso considerar que o entorno social é responsável por fazer com que a pessoa seja mais ou menos deficiente é capaz (Ainscow, 2001). Assim, a inclusão não deve ser por causa da deficiência da pessoa, mas o meio social que determinará se ela é mais ou menos capaz de algo e não sua deficiência.

Ao se referir a escola deve-se lembrar que, a inclusão escolar possibilita aos alunos com deficiência ou outra especificidade, partilhar do mesmo espaço social educacional que os demais e estimula a aprendizagem colaborativa. Enquanto que aos demais alunos, oportuniza a troca, a convivência com o diferente, o respeito à diversidade, a sensibilização e a tolerância. Objetivos estes da educação para a formação humana e a vida em sociedade. Assim, se entende que a educação inclusiva é benéfica para todos. (Silva; Pedro; Jesus, S/D)

Dessa forma, para se entender que a educação é inclusiva, precisava ver se ela estimula a aprendizagem colaborativa, se permite que todos os alunos, ou seja, os que têm alguma deficientes ou não, troque ideias entre si, participem em conjunto da educação do outro. Assim se torna uma educação inclusiva a qual é tão importante. “Ressalta-se que esse fato é assegurado pelos direitos humanos quando se posiciona que todos os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade e direitos” (Organização das Nações Unidas, 1948.)

Portanto, é de extrema importância assegurar os direitos de todos, principalmente de pessoas com deficiência, pois por causa disso, é que podemos exigir dos governantes certas medidas a serem cumpridas, até mesmo a inclusão. Ou seja, seja o motivo que for de você ser diferente, ainda sim, tem o direito de participar de ações que compõem a sociedade, como por exemplo, a educação, saúde etc.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA TERMINOLOGIA DEFICIÊNCIA

Antes de entrar no assunto deste tópico é interessante ressaltar o que seria terminologia, pois para o dicionário Priberam (2021), trata-se de um ramo de linguística que estuda os itens lexicais técnicos e/ou conceitos de uma determinada área.

Diante disso, entende-se que terminologia seria a classificação de um grupo. Além disso, nota-se ao conversar sobre o assunto deficiência que algumas pessoas ainda não sabem ao certo como chamar alguém com deficiência, umas se empenham em aprender sobre, assim, praticando a inclusão, outras ainda estão presas a nomenclaturas ultrapassadas como aluno especial, pessoa portadora de deficiência ou excepcionais o que apenas diminui a pessoa com deficiência. Isso pode ser por causa da visão de que a deficiência seria uma doença, como expõe (SilvaI; Keske, 2021, p. 9) essa visão acentuou a percepção, bem como a relação da deficiência com a doença, o que se constitui de “confusão” presente até os dias de hoje, pois ainda somos alvos de indagações e propostas de cura.

Diante do que foi exposto, ao pensarmos dessa forma, se tem a ideia de que as pessoas com deficiência são pessoas que podem mudar seu quadro, contudo, como vimos no capítulo anterior a deficiência muitas vezes são criadas socialmente e não pela pessoa com deficiência.

Charaudeau (2014), quando fala sobre o significado das palavras, ilustra perfeitamente a problemática do uso errado da terminologia, visto que palavras carregam significados e classificações. Isto é, quando você fala alguma característica de alguém automaticamente você a coloca em um determinado grupo seja ele bom ou ruim. No caso do assunto do texto em se tratando de deficiência, você coloca sobre a pessoa uma placa de extrema atenção pois olham para um deficiente e peçam em sua história de luta e superação, assim o classificando como um lutador ou um coitado. Contudo, muitas vezes são os ditos normais os que criam as barreiras e que dificultam a acessibilidade de pessoas com deficiência.

Por essa razão, conforme explica Sassaki (online s/d), é preciso que haja uma mudança cultural; e que a construção da terminologia não seja apenas uma questão semântica, mas, sim, uma forma concreta de inclusão e quebra de barreiras.

Portanto, enquanto houver em nossa sociedade terminologias que desprezam a pessoa com deficiência, a inclusão não será efetivada.

REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADE DOS PROFESSORES DO AEE

“Garcia (2008, p. 18) explica que “[...] os atendimentos especializados expressam uma concepção de inclusão escolar que considera a necessidade de identificar barreiras que impedem o acesso de alunos considerados diferentes.” Com o respeito à diversidade, o objetivo do trabalho educacional deve ser o de permitir acesso à educação a todas as crianças, jovens e/ou adultos.» (Apud. Bondezan; Goulart, p. 3) Diante disso, percebe-se que a criação do AEE teve como objetivo permitir a essas pessoas uma educação de qualidade e permitir a inclusão dentro da educação.

Uma das atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) é “promover atividades e espaços de participação

da família e a interface com os serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros.” (Ministério da Educação). Contudo, ao analisar a interligação da família com a escola percebe-se que a atritos muitas vezes, não só com esse fator, mas também com os outros setores citados na lei. Pois cada um deseja fazer de um modo, sem entrar em um consenso. Prejudicando desse modo uma inclusão de pessoas com deficiência.

CONTRIBUIÇÕES DE PESTALOZZI PARA A EDUCAÇÃO

Pestalozzi acreditava em uma educação para todos, por isso, “ Sua proposta pedagógica era de uma educação democrática ao alcance de todos.” (Miranda; Santos, 2015. p. 3) no qual todos tinham o direito a uma educação.

Além disso, o método intuitivo, este método aborda o sensorial que permite a estimulação do cognitivo, dessa forma, acontecendo um maior aprendizado. “Assim, segundo Pestalozzi, o Método Intuitivo estimula o desenvolvimento dos recursos mentais do aluno e não somente a absorção de conteúdos transmitidos pelo professor permitindo, assim, a autonomia do educando no processo de aprendizagem de maneira muito semelhante ao desenvolvimento de habilidades e competências que é proposta pela nova Base Nacional Comum Curricular.”(Sistema de ensino Anglo, s/d). A forma como o método é utilizado acarreta em maior liberdade para a criança aprender, pois ela se sente com mais liberdade.

Quando relacionamos isso a educação especial, acarreta em mais respeito aos alunos com deficiência, pois eles terão mais liberdade, empatia, desse modo, possibilitando um maior aprendizado para esses estudantes.

CORRELACIONANDO COM COMENIUS

Comenius foi e é conhecido como o pai da didática, sendo assim, podemos utilizar seus estudos tanto para a educação especial quanto para a educação dita como “normal”.

Posto isso, por mais que Comenius defendesse uma educação para todos, havia uma exclusão, pois foi o momento em que a educação Tradicional estava no seu nível mais alto de utilização. “Ele advogava que os docentes deveriam observar as crianças e perceber de que forma eles aprendiam melhor.” (Fuks, s/p) Para que dessa forma houve uma maior aprendizagem pois comenius acreditava que todos têm a capacidade de aprender, além da importância de prezar a singularidade do aluno e sua criatividade.

Destaca-se que Comenius acreditava que a educação deveria ser com métodos econômicos, rápido, simples e sem fadiga, para que desse modo acontecesse o aprendizado.

Portanto, partindo do pressuposto dos pensamentos de comenius, a educação especial é uma maneira de incluir a todos, já que ele defendia uma educação para todos e tudo, em uma educação para este plano de vida e para o depois da morte.

ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM CRIANÇA NA FASE SIMBÓLICA, SEGUNDO PIAGET

Para aplicar a atividade, foi entregue o brinquedo LEGO que tem como um dos benefícios, “Brincar com as peças coloridas da Lego, montar e desmontar possibilita infinitas criações. Além de estimular a criatividade e raciocínio, deixa a imaginação fluir e ajuda na solução de problemas.” (Grams, 2022) Dessa forma, se procurou estimular a criança sem interferir na execução da brincadeira. Vale ressaltar que a criança é uma pessoa autista, de três anos, não está na escola ainda.

A atividade da pesquisa realizou-se com uma criança que está na fase simbólica de Piaget. Isto é, crianças de dois a quatro anos aproximadamente. Nessa fase, o que chama atenção para a análise é porque a criança é motivada a fazer muitas experimentações, segundo o autor Almeida cita em seu livro, Educação Lúdica: Teorias e Práticas, no capítulo 3 o seguinte sobre esta fase: “ela toca, empurra, desloca, amontoa, justapõe, para ver no que vai dar.” (Almeida, 2013. p.64).

FIGURA 01: Brincando com LEGO



Fonte: Pinterest

Sendo assim, quando houve a aplicação da atividade já se esperava uma atitude que remetesse ao que foi citado anteriormente. Ao brincar de LEGO, a criança desmontava e jogava no chão as peças, saindo do tradicional, ou seja, de encaixar uma peça na outra, como é mostrado na imagem ilustrativa. Pois ela estava experimentando brincar de diferentes maneiras, já que quando seus pais a instruíram a encaixar ela imitava a ação.

Outra ação característica desta fase, a imitação, pois neste momento é o local do faz de conta, assim ela imita a todos e tudo, mas é por causa dessa imitação que acontece o processo da criação do simbólico (Almeida,

2013). Essa imitação também foi observada ao final da atividade, quando fomos guardar as peças de LEGO em seu devido lugar, a criança imitava a minha ação, sendo logo esquecida, assim eu tinha que reforçar o comando de que agora era o momento de guardar o LEGO.

CONCLUSÃO

É evidente que muitos autores abordam sobre a questão do desenvolvimento infantil, como foi exposto alguns deles ao longo da pesquisa, assim este trabalho faz com que tenhamos um embasamento mais aprofundado sobre o assunto inclusão e como ela pode ser trabalhada com diferentes pensadores ao mesmo tempo que nos mostrou que autores já conhecidos podem também fazer parte da educação especial. Além disso, trouxe algumas informações que fazem entender melhor quais são os direitos dos profissionais do AEE. Portanto, entende-se que por causa deste trabalho terei mais alicerce para trabalhar na educação especial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica: teorias e práticas*. Vol. 1-Reflexões e fundamentos. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BRASIL. *Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica*. Decreto nº 6.571, 18 set. 2008.

_____. *Ministério da Educação*, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

MIRANDA, Marcia; SANTOS, Marlene. *As Contribuições De Johann Heinrich Pestalozzi Para A Educação*. Anais Eletrônico IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. 2015.

SILVA; Antonio. KESKE. Henrique. As transformações da nomenclatura de referência à pessoa com deficiência e o impacto social para a inclusão. *Brazilian Journal of Development*. 07 de maio de 2021.

SILVA, Berenice M^a Dalla Costa da. PEDRO, Vanize Dalla Costa. JESUS, Eliane Maria de. *Educação Inclusiva*. semanaacademica.org.br

Sistema de Ensino Anglo. *O método intuitivo de Pestalozzi e a educação centrada no aluno*. Disponível em: <<http://anglosolucaoeducacional.com.br/o-metodo-intuitivo-de-pestalozzi-e-a-educacao-centrada-no-aluno/>> Acesso em: 15 de maio de 2023.

Priberam Dicionário, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/terminologia>> Acesso em: 09 de março de 2023.

FUKS,Rebeca. *Comenius*. Pedagogo tcheco. Disponível em:

<<https://www.ebiografia.com/comenius/#:~:text=O%20ensino%20proposto%20por%20Comenius&text=As%20suas%20propostas%20para%20renovar,que%20forma%20eles%20aprendiam%20melhor.>> Acesso em: 09 de maio de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

DESENHOS E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA PIAGETIANA

Magno Alexon Bezerra Seabra

Alana Evellyn da Silva Almeida

Camila Laís Gomes de Lima

INTRODUÇÃO

O referido trabalho traz a visão de diferentes autores e pensadores da educação estudados durante a trajetória da disciplina, em que suas ideias e contribuições para o âmbito educacional estão correlacionados com a perspectiva da educação especial e inclusiva.

Ademais, registra-se a parte prática da disciplina que consiste em uma pesquisa de intervenção, realizada em uma instituição educacional particular situada no município de Santa Rita, espaço onde a teoria pôde ser aplicada e compreendida sob uma diferente perspectiva: na prática e no cotidiano do espaço escolar, no conhecer dos alunos e de suas vivências e modos de aprendizagem.

Para fins de informação, ressalta-se que o trabalho está dividido em duas partes. A primeira consiste na parte teórica, subdividida em cinco tópicos, cada um deles trazendo a perspectiva e pensamento de um autor, correlacionando-os com os aspectos da educação especial e inclusiva. Já a segunda parte, trata-se da pesquisa de campo, realizada em uma instituição de ensino, tendo como base de fundamentação e observação da prática o desenvolvimento cognitivo infantil e seus respectivos estágios segundo o

biólogo e psicólogo Jean Piaget, com o objetivo de promover um diálogo e reflexão entre a teoria estudada e a prática vivenciada no espaço escolar.

INCLUSÃO

Segundo Freire (2008) a Inclusão caracteriza-se como “ [...] um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros”.

Sobre este ponto, Freire (2008) apud Rodrigues (2000, p. 10) vem afirmar que:

A Educação Inclusiva é comumente apresentada como uma evolução da escola integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução, mas uma ruptura, um corte, com os valores da educação tradicional. A Educação Inclusiva assume-se como respeitadora das culturas, das capacidades e das possibilidades de evolução de todos os alunos. A Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. É uma escola que reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade.

Por fim, segundo palavras de Freire (2000) apud Stainback, Stainback, East e Sapon-Shevin (1994, p.489) “o objectivo da inclusão não é apagar as diferenças, mas sim permitir que todos os alunos pertençam a uma comunidade educacional que valida e valoriza a sua individualidade”.

Ao analisar as diferentes ideias sobre o que é, de fato, a inclusão, sobretudo no âmbito da educação, percebe-se que os três autores, embora de maneiras singulares, retratam a educação inclusiva como uma modalidade que preza pelo respeito às diferenças. Os autores, em suas falas, pontuam a importância da valorização do outro e de suas capacidades,

defendendo também que a educação inclusiva dá ao público que atende um ensino adequado e de qualidade, que reconhece suas individualidades e não as despreza, pelo contrário, as valoriza, trabalhando com elas.

Compreende-se, através desses conceitos, que a escola tem papel fundamental quando se trata de inclusão. É no âmbito escolar que se deve celebrar o respeito às diferenças, pois nenhum aluno é igual e todos aprendem de maneiras distintas. É na escola que aprendemos sobre diferentes culturas, povos e costumes e nada mais válido do que aprender sobre as diferenças existentes na sociedade convivendo com a diversidade, reconhecendo-a e aprendendo a valorizar e celebrar o outro e a sua individualidade.

Por fim, a síntese dos pensamentos dos autores compreende que a educação inclusiva visa o respeito, a defesa de direitos, a valorização das diferenças e, sobretudo, a qualidade e a dignidade dessas pessoas. Incluir não é uma tarefa fácil mas é necessária e deve ser constante em todos os âmbitos, sobretudo no espaço educacional, área em que um educador em formação, irá atuar futuramente.

Portanto, os profissionais da educação devem estar atentos e preparados para oferecer aos alunos a melhor educação possível, respeitando as diferenças, adequando o ensino para uma melhor aprendizagem, além de ensinar o respeito e a valorização das diferenças, porque não estão apenas educando crianças, estão formando futuros cidadãos que um dia irão atuar em sociedade e cabe a esses profissionais instruí-los de forma consciente e responsável, para que sejam pessoas críticas, pensantes e que respeitem e valorizem a individualidade de cada pessoa.

AS TERMINOLOGIAS UTILIZADAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO LONGO DOS ANOS

O termo “pessoa com deficiência” é considerado, na sociedade atual, como a maneira mais apropriada para se referir às pessoas com deficiência (física, intelectual, visual, etc).

Esta terminologia adotada tem como finalidade apresentar o sujeito, antes de tudo (da deficiência) como uma pessoa, valorizando quem ele(a) é, um indivíduo que tem seus direitos, vivências e que tem a sua própria história.

Entretanto, nem sempre o modo como as pessoas com deficiência são denominadas foi tratado de forma a respeitar esses indivíduos e sua história. Vale lembrar que os termos utilizados anteriormente seguiam a cultura e a sociedade de sua época, e evoluíram conforme os avanços da sociedade e de sua forma de pensar e refletir sobre determinadas situações.

Analisando historicamente os termos que outrora foram utilizados nos deparamos com palavras como “excepcionais”, “portador de deficiência”, “incapacitado”, “inválido” e tantas outras que foram, por muitos anos, a forma de nomear a pessoa com deficiência. Tais palavras, mesmo de maneira implícita, mascaravam o preconceito e o capacitismo existente na sociedade que tratava as pessoas de “incapacitadas e inválidas”, colocando a deficiência dos sujeitos a frente deles como um empecilho, como se isso os tornasse menos capazes do que outras pessoas, anulando suas vivências e potenciais capacidades.

A forma como os termos são utilizados para definir as pessoas com deficiência requer atenção pois trata-se de uma questão de muita importância. Não se trata de implicância. Utilizar o termo correto é questão de respeito porque se trata da vida das pessoas e da valorização de quem elas são.

Sobre esta questão Sasaki (2002, p. 1) pontua que “A construção de uma verdadeira sociedade inclusiva passa também pelo cuidado com a linguagem. Na linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências”.

Desta maneira compreende-se que não é uma questão de termos apenas. Essas são a maneira de se referir a pessoas e, a partir do momento em que essas palavras têm a capacidade de ofender ou diminuir-las, devem ser revistas, modificadas e aprendidas da maneira correta. Esta é uma forma de respeito: chamá-las como devem ser chamadas.

Por fim, ressalta-se a importância da sociedade adquirir conhecimento para atentar-se à maneira a que se referem às pessoas com deficiência, que devem ter suas vivências, histórias e direitos valorizados e respeitados.

O PROFESSOR DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: ATUAÇÕES E DESAFIOS

Quando trata-se da questão de ser professor, seja de sala regular ou sala de recursos multifuncionais pode-se afirmar que esta é uma profissão muito desafiadora.

A realidade e o cotidiano de cada sala de aula é uma incógnita, afinal esses profissionais trabalham e lidam com seres humanos em processo de formação, que sentem, que vivem, que tem seus anseios, problemas, dias bons e ruins. Sendo assim, entende-se que a vivência no espaço escolar é sempre surpreendente. Prova disso é que os Profissionais da educação em seu trabalho realizam diversos planejamentos de aulas mas a sua efetivação, muitas vezes, não se dá da maneira que imaginam. Às vezes não dá tempo de realizar toda a atividade, outras vezes os estudantes não têm interesse no formato da aula e o professor tem que se reinventar e

flexibilizar seu plano para aquele dia. Acontece também de plano de aula dar muito certo em outra turma e os alunos participam e gostam bastante. Mas isso vai depender dos alunos e do dia, pois afinal cada dia tem suas especificidades.

Pensando especificamente na questão do professor da sala do AEE, podemos observar que a realidade de sua atuação é cercada cotidianamente de situações inesperadas.

O docente que atua nesta área educacional tem suas atribuições e desafios a serem enfrentados, visto que lida com pessoas e pessoas têm suas demandas, sentimentos e experiências distintas. Cabe também a esse profissional oferecer aos estudantes atendidos na sala de recursos o suporte para que venham a potencializar suas habilidades e, a cada dia, superar suas dificuldades.

Mas, como já pontuado anteriormente, tal profissional encontra diversas situações que são entraves para a sua plena atuação neste campo educacional. Dentre os inúmeros desafios está a questão da participação familiar, que é extremamente significativa no processo de evolução desses alunos. Muitos familiares não dão a devida atenção ao atendimento da sala de recursos para o estudante, deixando que ele perca o atendimento frequentemente, o que atrapalha a potencialização e a evolução de suas aprendizagens.

Estabelecer um diálogo com o professor da sala de aula regular também configura um desafio para o professor das salas de recursos. Muitas vezes os docentes não se interessam pelo que o professor da sala do AEE está realizando com os alunos e acabam deixando toda a responsabilidade no outro professor.

É necessário que se estabeleça um diálogo entre os docentes (de sala regular e sala do AEE) para que ambos, não apenas um, se envolvam nas atividades realizadas com o aluno que frequenta a sala de recursos

para que, dessa maneira, possam observar as dificuldades, traçar estratégias para auxiliar os estudantes e, assim, acompanhar sua evolução.

Isso serve para que ambos melhorem sua atuação em sala de aula, para que a inclusão dos alunos seja, de fato efetiva, para que o suporte necessário e de direito seja efetivado de forma plena no âmbito educacional.

Sobre essa questão, pontua-se que:

As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (...) Ao longo de todo o processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum (Brasil, 2008, p. 16).

Portanto, compreendemos que o papel do professor da sala de recursos só se dá de maneira plena se ele e o professor da sala regular estabelecerem um relacionamento baseado em diálogo e interação para melhor atender as necessidades dos alunos, trabalhando para que suas aprendizagens sejam potencializadas e sua inclusão efetivada.

Outro ponto importante a ser citado acerca dos desafios enfrentados por esses profissionais é a questão da falta de recursos e materiais didático pedagógicos para a atuação com os alunos, além da falta de estrutura nas próprias salas de recursos para recebê-los. Em muitos casos as salas são pequenas, escuras e servem de depósito para a escola.

Esses fatores não contribuem para uma aprendizagem efetiva, pelo contrário, atrapalham a concentração e o desempenho, além de deixar crianças e profissionais que ali atuam desconfortáveis com o ambiente.

Além das questões mencionadas, existe um ponto essencial que é a falta de formação continuada/cursos específicos para que os docentes aperfeiçoem suas aulas para melhor atender ao público alvo das salas do AEE.

Observa-se que os desafios são muitos e cabe aqui a reflexão do quão desafiador é ser um professor da sala de recursos e como suas atribuições são diversas e importantes. Por meio desse profissional se dá o suporte, a potencialização das aprendizagens, o acesso ao direito e a inclusão.

CONTRIBUIÇÕES DE PESTALOZZI PARA A EDUCAÇÃO

Johann Heinrich Pestalozzi foi um significativo pedagogo e pensador da educação. Suíço, e nascido no ano de 1747, foi revolucionário em sua época, trazendo ideias inovadoras e criando um novo método de construir a aprendizagem e de ensinar: o método Pestalozzi.

De acordo com Adorno e Miguel (2020) Apud Mesquida (2016)

“O Método pestalozziano é um conjunto das ações educativas levadas a efeito nas escolas e nos institutos por ele criados. Estas ações educativas envolvem não somente as técnicas de ensino como também recursos didáticos pedagógicos, mas ainda os conteúdos programáticos e, em especial, a relação professor e aluno, baseada no respeito, no diálogo, na liberdade e no que ele chama de Moral (Adorno; Miguel, 2020, p. 6 apud Mesquida, 2016, p. 24).

Segundo Pestalozzi, ensinar é desenvolver todas as habilidades do sujeito, respeitando todos os seus processos e cada fase de seu desenvolvimento. Defendia uma educação humanista. Para ele, o professor era considerado como um “jardineiro” que proporciona todas as condições necessárias para o crescimento e desenvolvimento das plantas/flores.

Pontuando essa analogia feita por Pestalozzi para o contexto da educação inclusiva, compreende-se que cada ser humano deve ter suas potencialidades estimuladas, deve ser desafiado, levado a questionar e a aprender de maneira significativa.

Para esse autor, cada fase do sujeito deve ser respeitada, valorizada, pois cada uma delas tem sua importância.

E, para que sejam desafiados, cabe ao professor estimular, proporcionar aos alunos as devidas e necessárias condições ao aprendizado efetivo, atuando como mediador do processo de conhecimento, sendo criativo, entusiasmado e comprometido com a efetiva e plena educação dos alunos.

Pensar o professor como um jardineiro implica dizer que as pessoas compõem o jardim, ou seja, são as flores prontas a desabrochar. Mas, cada flor tem sua particularidade, tempo de crescer, de desenvolver e de florescer. E com seres humanos, quando se trata de aprendizagem não é diferente. Todos são sujeitos únicos, que têm histórias e necessidades particulares.

Portanto, cabe ao “jardineiro”, isto é, professor, oferecer a esse aluno o estímulo necessário para que desenvolva suas capacidades, para que evolua em seu aprendizado, para que floresça. E como fazer isso? Proporcionando ao estudante um ambiente de aprendizagem onde ele possa se sentir participante, incluído não só no ambiente mas também na sua educação e que esta seja vista por ele como significativa e não descolada da realidade em que vive. E para que tal aprendizagem aconteça a história, vivências, experiências, fases e modo de aprender de todo e qualquer indivíduo devem ser respeitadas e valorizadas.

CONTRIBUIÇÕES DE COMENIUS PARA A EDUCAÇÃO

Jan Comenius foi inovador da educação trazendo para a sociedade uma nova perspectiva acerca dos métodos de aprendizagem e da educação. Conhecido como o pai da educação moderna, inovou idealizando um modelo de ensino distinto do que vigorava na época em que vivia, um método mais efetivo que objetivava desenvolver o raciocínio das pessoas, desafiando-as, estimulando-as e envolvendo-as em sua própria aprendizagem. Comenius também foi pioneiro na defesa da universalização da educação, tópico amplamente discutido em sua mais importante obra intitulada “A Didáctica Magna”.

Para esse pensador, os conceitos e ensinamentos deveriam ser apresentados para as pessoas, inicialmente, partindo de sua forma mais simples (para que ocorresse a construção de uma base sólida e eficaz de conhecimento) e defendia que, ao longo da aprendizagem dos indivíduos, os conceitos e informações estudados fossem se tornando cada vez mais elaborados e abrangentes, ou seja, um ensino progressivo e eficaz, que tinha por objetivo consolidar a aprendizagem.

Outro princípio defendido por Comenius é o direito à educação para todas as pessoas. Em seu livro “Didáctica Magna” publicado em 1627, Jan Comenius registra sua máxima “Ensinar tudo a todos”. Para ele, todas as pessoas, sem exceção, deveriam ter o direito a receber a educação, devendo aprender de tudo. Uma educação contínua, para a vida e por toda a vida.

Como princípios dessa educação, revolucionou trazendo aspectos inovadores para sua época. Defendia, por exemplo, tópicos como o ensino unificado, a educação realista e permanente, além de um ensino pautado nas experiências cotidianas dos indivíduos (o que dava significado real à aprendizagem) dentre muitos outros. Para ele, o homem deveria ser o centro de sua educação e ser o autor de sua própria história.

Religioso, Comenius visava a plena relação de Deus com os homens, para que estes últimos se tornassem homens bons e cristãos, dotados de virtude e boas condutas. A educação era o meio a que este pensador objetivava alcançar seu intento. Para ele, todo mundo era capaz de aprender e isso abrangia a todas as pessoas, sejam elas pobres, ricas, pessoas com deficiência etc.

Desta forma, trazendo as perspectivas defendidas por Comenius para os dias atuais, relaciona-se suas perspectivas com a educação especial e inclusiva. Comenius defendia o “ensinar tudo a todos” esta era a sua máxima. Vale ressaltar que ele defendia também a questão da educação uni-

versal e do ensino unificado, o que abrange a pessoa com deficiência, além de defender a forma que cada pessoa aprende é única deve ser respeitada.

Comenius em sua obra, a “Didáctica Magna” afirma que a educação é capaz de “germinar as sementes interiores as quais não se desenvolverão a não ser que sejam solicitadas por oportunas experiências, variadas e ricas” (DM VII:3). Na perspectiva da educação, o estímulo que os alunos recebem é essencial para o desenvolvimento das suas potencialidades. Toda e qualquer pessoa tem direito de aprender, de ter sua aprendizagem estimulada. A individualidade e características que compõem todo e qualquer sujeito devem ser valorizadas e, além de tudo, respeitadas.

Comenius também pensava sobre a primeira infância e atribuía muita importância a essa fase do desenvolvimento humano.

Sob a perspectiva da primeira infância Comenius afirma que:

Os ramos principais de uma árvore, por mais numerosos que sejam, despontam do tronco logo nos primeiros anos; depois disso apenas crescem. Do mesmo modo tudo aquilo em que o homem deve ser instruído, e que lhe será útil durante toda a vida, deverá ser semeado e plantado desde a escola materna” (Bollis, 2018, p. 210 apud Comenius, 2011b, p. 325).

Segundo ele, todo mundo é capaz de aprender. Esse deve ser o ponto de vista de um professor, que não deve “podar” seus alunos, ou impor limites às suas capacidades, mas que deve agir como mediador desde a infância, fase que Comenius dava bastante importância, e fornecer estímulos para aqueles a quem ensina, desafiando-os e levando-os a construir uma aprendizagem sólida para toda a vida.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL NA PERSPECTIVA PIAGETIANA

Na perspectiva Piagetiana as crianças (umas mais tarde, outras no tempo estipulado) passam por etapas em seu desenvolvimento cognitivo. Esses estágios são muito significativos pois a criança está amadurecendo cognitivamente e sua inteligência está sendo constantemente estimulada e “construída”.

Sobre esta questão, pontua-se que:

A inteligência não aparece, de modo algum, num dado momento do desenvolvimento mental, como um mecanismo completamente montado e radicalmente diferente dos que o precederam. Apresenta, pelo contrário uma continuidade admirável com os processos adquiridos ou mesmo inatos respeitantes à associação habitual e ao reflexo, processos sobre os quais ela se baseia, ao mesmo tempo que os utiliza (Araújo, 2020, p. 16 apud Piaget, 1986, p. 21)

Piaget afirma que a inteligência não vem “pronta”. Segundo este pensador, ela vai sendo construída por diversos processos mentais, que vão sendo elaborados e adquiridos durante a infância do indivíduo, ou seja, é um processo lento, que exige o avanço entre estágios mas que é um processo magnífico da mente humana, sobretudo no desenvolvimento cognitivo da criança.

Sob esta perspectiva, Piaget divide o desenvolvimento cognitivo infantil em quatro estágios: **O sensório motor** - nascimento aos dois anos de idade; o **Pré operatório** - dois anos a aproximadamente aos 7 anos de idade; o **Operatório Concreto** - sete aos onze anos e, por fim, o **Operatório formal** - onze anos de idade em diante. E cada um desses estágios é definido por características específicas e revelam distintos esquemas de organização cognitiva.

ATIVIDADE APLICADA COM CRIANÇAS DA SEGUNDA FASE SEGUNDO PIAGET

Aplicou-se uma atividade numa instituição particular de ensino situada no município de Santa Rita/Paraíba, no período vespertino, em uma classe de educação infantil, sob responsabilidade de uma professora e uma auxiliar de classe.

A classe do Pré I foi a escolhida para a aplicação. A turma conta com 25 crianças com faixa etária de três a quatro anos de idade. Dentre os estudantes, dois participaram da atividade prática, ambos com 3 anos.

O trabalho prático realizado na escola consistiu em atividade de Artes para que as crianças desenhassem e expressassem através de figuras. Inclusive, a observação da brincadeira espontânea também foi alvo de análise para este trabalho, visto que é na brincadeira que as crianças expressam de maneira mais livre suas falas e vivências no espaço escolar.

A primeira atividade foi direcionada, ou seja, a criança tinha uma orientação a seguir (desenhar o que se pede), a segunda atividade era caracterizada por um desenho livre. A brincadeira também teve caráter livre, ou seja, as crianças podiam criar e imaginar o que desejassem.

Nas atividades direcionadas o objetivo era que a criança representasse, da forma que conseguisse, o desenho que estava sendo pedido.

Na atividade I, que consistia em um ditado desenhado, foram solicitados quatro desenhos: um gato, uma melancia, um pato e um navio. A atividade II consistiu em um desenho livre, em que a criança poderia usar de toda a sua criatividade para desenhar o que quisesse. A terceira e última foi a observação da brincadeira espontânea e da vivência das crianças em sala de aula com seus pares.

Para a realização da atividade I foi explicado à criança que ela iria fazer um “ditado desenhado” em que uma palavra era dita (estava também

escrita na atividade) e ela teria que desenhar. Ela encarou como uma brincadeira, um desafio e ficou entusiasmada.

Figura 01: Atividade direcionada



Fonte: Retirado no momento da aplicação da atividade

O primeiro desenho, um gato, foi desenhado, seguido pelo segundo, uma melancia e o terceiro um pato. Em alguns desses desenhos ela teve alguma dificuldade, como a melancia (não sabia a forma como desenhá-la - inteira, fatia) mas parava e tentava lembrar-se de como era a imagem daquilo que estava lhe sendo solicitado.

No último desenho, um navio, a criança disse que não sabia desenhar. Mas, com o auxílio da pesquisadora, que lembrou -lhe que o navio era uma espécie de barco, ela tentou, à sua maneira, ilustrar o que lhe vinha à mente quando se tratava desse tipo de embarcação. Assim, ela terminou a atividade mas não expressou o desejo de o colorir.

Ao analisar-se a atividade I, compreende-se que a criança tem suas funções simbólicas já desenvolvidas e é capaz de representar o que lhe é solicitado. Muito embora não tenha no momento uma referência visível para observar, consegue trazer a memória traços do ser vivo ou do objeto desejado e desenhar algumas das características que lembra. Observou-se que a única dificuldade de representar para a criança foi o quadro onde se pedia a figura de um navio. Isto pode ter ocorrido porque os outros desenhos solicitados são, possivelmente, mais recorrentes no dia a dia dessa criança e a própria palavra “navio” lhe seja pouco conhecida, assim como sua representação.

A criança no estágio pré operatório, em sua função simbólica, representa aquilo que vivencia e observa. Nesse sentido, compreende-se que o navio solicitado não faz parte de sua vivência cotidiana, sendo assim, não tem um “significado” para ela, por isso não consegue representá-lo. Mas a palavra “barco” lhe traz um significado à mente, e por isso representa-o à sua maneira.

Para a realização da atividade II foi explicado à criança que ela teria que desenhar qualquer coisa que quisesse. Quando indagado sobre o que tinha desenhado a criança relata: “é o homem aranha, tia”. Neste desenho é possível notar-se a presença de um “rosto” na aranha, além da cor que a criança usou para representar os tons presentes no homem “aranha”. Quando foi indagado o porquê da criança ter feito este desenho ela afirmou que gosta bastante do filme e o assiste com frequência.

Figura 02: Desenho livre



Fonte: Retirado no momento da aplicação da atividade

Reiterando, a criança no estágio pré operatório representa suas vivências. Sendo assim, observa-se que esta criança representou aquilo que tem contato com frequência em seu cotidiano.

Além da aplicação da atividade, as crianças, suas brincadeiras e vivências em sala de aula também fizeram parte da parte prática deste trabalho. Depois da atividade as crianças foram, cada uma brincar com seus pares. Foram brincadeiras diversas com os brinquedos trazidos (carros, bonecas, animais de plástico, ursinhos, panelinhas etc).

Observou-se que os alunos, em suas brincadeiras adicionavam características humanas, sentimentos e reações, além de características de animais a seres inanimados como as borrachas, por exemplo, que foram comparadas com “carrinhos de corrida”, “sanduíches” e “a “cavalos”. Os ursos de pelúcia assumiram o lugar de “bebês” que eram filhos, choravam e tinham que ser acalentados, e os banquinhos da sala, virados de cabeça para baixo, cumpriam a função de berço para niná-los.

Segundo Piaget, a Criança, no estágio Pré operatório torna-se capaz de representações do mundo que a cerca. O egocentrismo também marca este estágio. Nele, a criança apresenta uma dificuldade de perceber o ponto de vista do das outras pessoas, ou seja, o foco de sua atenção é voltado para ela mesma e para seus interesses. A criança, nesta perspectiva, enxerga o mundo em que vive sob um só ponto de vista: o seu. Então, tudo que esteja acontecendo ao seu redor, embora não seja sobre ela, a criança atribui a si mesma.

Outras características vinculadas ao Egocentrismo são o Animismo e o Antropomorfismo, em que a criança passa a atribuir características humanas e de animais (desejos, sentimentos, rostos, fala, barulho, etc) a objetos que são inanimados como potes, lápis, copos, e até mesmo desenhos que elas mesmas produzem. Durante as brincadeiras entre seus pares observou-se que para as crianças, que estão em um processo de transição do sensorio motor para o pré operatório, é tudo é um jogo de imaginação. Sendo assim, elas fundem o que é real e o que é fantasia, e misturam os dois “universos”, o real e o fantástico em suas vivências e brincadeiras.

CONCLUSÃO

Por fim, a partir dos diálogos em sala de aula, dos debates pautados na visão de diferentes pensadores da educação, e aprendizagens construídas ao longo do semestre, conclui-se que a educação, sobretudo a educação especial e inclusiva, é um campo desafiador e que necessita de muito estudo e dedicação. Ser professor não é uma tarefa fácil, pelo contrário. Exige responsabilidade e compromisso. Ao realizar a sistematização e observar diferentes perspectivas dos autores mas que dialogam de alguma forma, pode compreender que esta foi uma experiência enriquecedora para minha formação enquanto futura pedagoga, visto que me forneceu uma ampla bagagem teórico-prática de aprendizagem neste campo vasto e complexo.

Durante as aulas de estudos sobre os teóricos que pensam sobre a educação, compreende-se como o professor deve ser dedicado naquilo que faz, e como deve, apesar dos desafios que encontra, dialogar e envolver os alunos em suas aulas, trazendo suas vivências e os acolhendo, respeitando e valorizando suas especificidades.

Ademais, durante as pesquisas das ideias desses pensadores da educação, pode-se compreender ainda mais a questão do conhecimento de diferentes perspectivas, o que foi, sem dúvidas, desafiador, mas também enriquecedor e esclarecedor quanto a esta área da educação. Estudar sobre as perspectivas da área da educação especial faz perceber como é trabalhosa a vida de um docente que nela atua, cheia de desafios, situações que exigem diálogo, paciência, dinamismo, flexibilidade e muita dedicação.

Sobre a atividade prática realizada na escola, compreende-se que foi muito significativo visualizar a Teoria estudada na prática e observar que, embora tenham a mesma idade, estudem na mesma sala de aula e que sejam apresentados aos mesmos estímulos, as crianças podem agir de maneiras distintas. A teoria criada por Piaget não determina uma regra, mas um norte para os educadores que podem, a partir da observação e prática em sua sala de aula, compreender melhor os seus alunos e basear sua atuação conforme as necessidades de cada um. Através dessa pesquisa compreende-se o quanto necessário é para um profissional da educação conhecer e estudar sobre as teorias e pensadores da educação, pois eles oferecem conhecimentos significativos para a atuação do professor em sala de aula, pois esta não é uma tarefa fácil de ser realizada.

Ser professor não é só montar um plano de aula e executá-lo, vai além disso. É ser humano, é compartilhar de sua vivência, ouvir as diversas experiências encontradas em cada ser humano e valorizar quem eles são. É pensar o aluno como alguém único, que tem experiências, vivências e necessidades distintas, ou seja, é enxergá-lo como um ser histórico, único

e não lhe impor limites. É ser seu mediador e incentivador para que construa uma aprendizagem efetiva e sólida, para que cresça e seja um cidadão crítico, pensante e que age conscientemente no meio em que vive.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Thaís Lira de França; MIGUEL, Maria Elizabeth Blank. A Metodologia de Pestalozzi e o ideário na Nova escola. *Acta Scientiarum*. Curitiba, v. 42, o. 1-11, Jun-Nov, 2019.

ARAÚJO, Heloísa Luanna Ferreira. *Aprendizagem na educação infantil: Um olhar Construtivista a partir da Perspectiva Piagetiana*. TCC. (Licenciatura em Pedagogia) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio grande do Norte, 2020.

BALLIS, Renata Augusta. A contribuição do Educador Jan Amos Comenius Para a primeira infância. *Cadernos de Pós graduação*, São Paulo, v. 17, n.1, p. 202-220, Jan/Jun.2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEED, 2008.

COMENIUS. *Didatica Magna*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. *Revista da Educação*, Instituto superior D. Afonso III, Vol. XVI, pg. 5 - 20, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*. São Paulo: ano 5 n.º. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DESENVOLVIMENTO HUMANO: EXPLORANDO CONCEITOS, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES EDUCACIONAIS

Magno Alexon Bezerra Seabra

Elaine Cristina da Silva Brito Farias

Giuliana Cavalcanti Vasconcelos

INTRODUÇÃO

Os últimos anos têm evidenciado um crescente movimento em torno da Educação Especial em uma perspectiva inclusiva. Em vista disso, torna-se importante conhecer diferentes teóricos que estudam sobre a educação, a fim de compreendermos a educação em diferentes contextos, incluindo a Educação Especial e inclusiva. Isso nos permite entender a diversidade de conceitos, práticas, abordagens e desafios relacionados à Educação Especial em uma perspectiva inclusiva, bem como os desafios enfrentados pelos estudantes com deficiência e outras necessidades específicas.

O presente trabalho reúne um compilado de textos que abordam um conjunto de temas relevantes relacionados à educação. Com base nos referenciais teóricos e a luz dos autores que estudam as temáticas estudadas, exploraremos conceitos da inclusão, terminologias para se referir às pessoas com deficiência, desafios enfrentados pelo professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado), às contribuições de Pestalozzi para a educação, as ideias de Comenius e por fim, os estágios de desenvolvimento humano segundo Piaget, culminando em uma pesquisa prática baseada nos estudos do referido teórico, que teve como objetivo identi-

car se a criança, por meio da aplicação de um jogo, encontrava-se na fase de desenvolvimento de Piaget.

INCLUSÃO

Para Freire (2008) a inclusão “é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia do outro”. (Freire, 2008, p.5).

De acordo com os estudos de Ainscow (2009) a inclusão poder ter diferentes conceitos, dentre esses conceitos podemos citar a conceitualização de inclusão relacionada com todos os grupos vulneráveis à exclusão na qual observa-se “uma tendência crescente de se ver a exclusão na educação de forma mais ampla, em termos de superação da discriminação e da desvantagem em relação a quaisquer grupos vulneráveis a pressões excludentes” (Ainscow, 2009 p. 16).

Além disso, outro conceito abordado por Ainscow (2009), define a inclusão como forma de promover escola para todos, na qual “refere-se ao desenvolvimento da escola regular de ensino comum para todos, ou “escola compreensiva”, e a construção de abordagens de ensino e aprendizado dentro dela” (Ainscow, 2009 p. 17). Esse conceito contribuiu com o entendimento de uma escola acessível para todos, trazendo como princípio a aceitação e valorização das diferenças.

Nesse entendimento, a inclusão emerge com a ideia de igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos, no qual o respeito a diversidade individual e cultural deve ser garantida quando nos referimos a inclusão, sem que haja segregação

ou discriminação. Engloba a inclusão social, cultural, educacional, digital dentre outros contextos.

TERMINOLOGIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Ao longo dos anos, a terminologia para se referir a pessoa com deficiência perpassou por diversos conceitos. De acordo com Schmidt (2019), foram utilizadas designações para se referir a pessoa deficiente como: “loucos de todo o gênero”, “excepcional”, “inválido”, “deficiente”, “pessoa portadora de deficiência”, “pessoa portadora de necessidades especiais” e “pessoa com deficiência”.

O estudo feito por Schmidt (2019) , aponta que muitos desses termos correlacionam a pessoa com deficiência a algum tipo de “falta ou falha”, contribuindo com um entendimento preconceituoso e discriminatório. Sobre esse tocante, foi explanado que:

os vocábulos “excepcional”, “inválido” e “deficiente” têm conteúdo flagrantemente preconceituoso, pois trazem a ideia de que as pessoas que denominam se encontram fora dos padrões, não são válidas, não são eficientes, e também excludente, porque ressaltam mais as diferenças que as similitudes, em relação aos demais, dos indivíduos que qualificam (Leite, 2007, p. 107 apud Schmidt, 2019, p. 145).

Outro conceito exemplificado pelo estudo de Schmidt (2019), se refere ao termo “pessoa portadora de deficiência”, que inclusive, é descrita na Constituição Federal de 1998, tal termo, também não é apropriado, visto que, presume o entendimento de que a deficiência é “portada ou carregada” por quem a possui. O mesmo se aplica a expressão “pessoa portadora de necessidades especiais”, que além da expressão errônea “portadora”, inclui “necessidades especiais” que pode ser relacionado a outros grupos de pessoas.

Desse modo, a expressão mais adequada e utilizada atualmente é “pessoa com deficiência”, tal termo foi adotado pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, celebrado pela UNESCO e promulgado no Brasil em 2009, pelo Decreto n. 6.949, sendo inclusive adotado pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei n. 13.146 de 2015 (Schmidt, 2019).

ATRIBUIÇÃO DO PROFESSOR DO AEE: ALGUMAS DIFICULDADES

Partindo da compreensão de que estabelecer uma articulação com os professores da sala regular é uma das atribuições do professor do atendimento educacional especializado (AEE) de suma importância, visto que, de acordo com Feitoza (2017):

[...] ao estabelecer parcerias e/ou articulações com os professores das salas de aulas comuns do ensino regular, o professor do AEE, visa a disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares, proporcionando melhores condições para que estes progridam, dentro de suas limitações e/ou peculiaridades, da melhor maneira possível. (Feitoza, 2017, p. 9).

Nesse entendimento, o desenvolvimento de um trabalho colaborativo entre o professor do AEE e da sala regular, irá de fato contribuir com o desenvolvimento do aluno e com a qualidade do ensino. Entretanto, essa articulação nem sempre acontece e essa fato se torna uma grande dificuldade, prejudicando as relações no ambiente de trabalho, e consequentemente a aprendizagem e a evolução dos alunos atendidos. Pesquisas recentes demonstram que, muitos professores do AEE e da sala regular trabalham de forma dissociada, não havendo um diálogo entre ambas as partes, realidade esta que precisa ser mudada em prol da melhoria da qualidade do ensino para com esses alunos Feitoza (2017)

Para Santhiago e Colonetti (2017), é fundamental a efetiva articulação entre o professor do AEE e o professor da sala regular no processo de inclusão educacional do alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE), sendo necessário um diálogo frequente, a fim de favorecer a elaboração coletiva de estratégias que contribuam com a participação desses estudantes.

Diante do exposto, evidencia-se algumas dificuldades relacionadas ao trabalho efetivo do professor do AEE, destacando-se a necessidade da promoção do trabalho em conjunto com o professor da sala regular, a fim de proporcionar aos estudantes com necessidades específicas uma educação que contemple as suas especificidades tanto na sala de AEE, quanto na sala regular, favorecendo dessa forma, com uma educação inclusiva de qualidade.

AS CONTRIBUIÇÃO DE PESTALOZZI PARA A EDUCAÇÃO

A história da educação é marcada por diversos pensadores e teóricos que deixaram contribuições significativas para o campo educacional. Um desses importantes nomes é Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827), renomado educador suíço que nasceu em Zurique, em uma época em que a educação não era vista como prioridade e as crianças eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo. Escritor, filósofo e educador, Pestalozzi demonstrou desde muito cedo sua preocupação com a educação, sendo reconhecido como um dos pioneiros quando nos referimos a educação popular, influenciando efetivamente a educação. Para Miranda e Santos (2015):

O filósofo fez uma grande adaptação na educação pública e mudou os conceitos básicos das práticas educativas, foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, fundador da escola primária popular, que tinha como objetivo integrar as crianças sem recursos à vida social, em um contexto em que a educação era privilégio de poucos. (Miranda; Santos, 2015, p. 3)

Fundador da escola primária regular, Pestalozzi teve um reconhecimento nobre no que concerne a educação e a pedagogia, difundindo suas ideias para outros pensadores e trazendo importantes contribuições no tocante à educação.

Dentre essas contribuições, destaca-se a educação como um direito democrático a toda criança, como também o seu pleno desenvolvimento. Além disso, propõe uma pedagogia inovadora, baseada na cooperação recíproca entre professores e alunos, o método intuitivo e o ensino mútuo com o intuito de desenvolvimento integral. Outra contribuição importante refere-se à educação afetiva, que traz uma proposta educacional mais humanizada, no qual para o filósofo “o educador devia demonstrar afetividade, ser amoroso e ético para com as crianças, para que despertasse nelas os sentimentos de reciprocidade e com isso incitar o seu interesse e o desenvolvimento intelectual e moral” (Miranda; Santos, 2015, p. 5).

CONTRIBUIÇÕES DE COMENIUS PARA A EDUCAÇÃO

Jan Amos Comenius (1592-1670) foi um educador e teólogo que trouxe importantes contribuições no que concerne à conceituação de uma educação acessível a todos. De acordo com suas ideias, todos deveriam ter a oportunidade de aprender independente de suas especificidades, contribuindo com o entendimento de uma educação democrática e universal.

Comenius dedicou grande parte de sua vida à produção de sua obra *Didática Magna*, que tinha como proposta promover “a arte universal de ensinar a todos”, no qual, de acordo com Pereira (2016):

Comenius deixa claro em sua *Didática Magna*, que o “tudo” a todos não se trata do conhecimento profundo de todas as artes e ciências, pois o homem tem um tempo de vida breve e muitas das descobertas em si podem não ser úteis. O “tudo” a “todos” refere-se ao conhecimento dos fundamentos, dos princípios, da estrutura e funcionamento das manifestações naturais e artificiais, isso com-

pete ao homem por meio da educação, uma vez que sua missão não é de observador do mundo e das coisas, mas ator (Pereira, 2016, p. 107).

Nesse entendimento, Comenius defendia uma educação para vida, que fosse relevante na vida dos aprendizes, voltada para as necessidades dos sujeitos. No qual, o processo educativo de acordo com as ideias desse pensador, deveria partir dos interesses dos sujeitos, tornando-se algo prazeroso.

Além, disso, segundo os estudos de Candido, Vasconcelos e Pinto (2022), as ideias de Comenius contribuem significativamente para o entendimento de uma educação inclusiva acessível a todos sem distinções, expondo que:

Essa noção de igualdade proposta por Comenius persegue o ideal de formação integral do homem para a humanidade, com consequente valorização das especificidades, em defesa do direito de que a educação seja acessível a qualquer um, sem discriminação, garantido que o ambiente escolar seja acolhedor [...] (Cândido; Vasconcelos; Pinto, 2022, p. 8).

Em resumo, percebe-se que as contribuições de Comenius apresentam uma abordagem educacional inovadora, à frente de sua época. Seu legado ainda nos dias de hoje, tem sido de grande influência, trazendo ideias e princípios relevantes, em consonância com o entendimento de uma educação democrática e inclusiva que atenda às necessidades dos estudantes.

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO PIAGET

De acordo com a Teoria do Desenvolvimento de Jean Piaget, a aprendizagem é adquirida pelo sujeito a partir da interação com o objeto

do conhecimento. Nesse entendimento, a aprendizagem relaciona-se com o meio em que se está inserido. Dessa forma, “ao entrar em contato com novos estímulos, ocorre a necessidade de adaptação gerando um equilíbrio sobre o que supostamente se tem contato, unindo com o novo conhecimento e gerando readaptação do aprendizado.” (Schirmann *et al.*, 2019, p. 3). Em outras palavras, quando o sujeito entra em contato com novos estímulos por meio das experiências vivenciadas, se faz necessário que haja uma adaptação dessa nova experiência, o que está diretamente relacionado ao processo de aprendizagem e o desenvolvimento pessoal.

Segundo a teoria piagetiana, a aprendizagem relaciona-se com a adaptação, a acomodação e assimilação. No qual a adaptação se refere ao processo pelo os indivíduos buscam adaptar-se a novos estímulos, experiências e informações. Ao interpretar novos conhecimentos e informações, ocorre a assimilação, no qual o indivíduo busca assimilar e incorporar as novas informações e aprendizagens. A partir desse processo, ao ajustar e modificar os esquemas mentais para acomodar a nova informação, esse processo mental é denominado acomodação. “O equilíbrio entre assimilação e acomodação é o que rege a passagem de um estágio para o outro, pois ocorre uma progressão no conhecimento gerando adaptação de determinados conceitos” (Schirmann *et al.*, 2019, p. 2).

Partindo desses entendimentos, em sua teoria do desenvolvimento cognitivo, Piaget elenca quatro estágios do desenvolvimento infantil sendo estes: Estágio Sensório-motor, que acontece desde os nascimentos até os dois anos de idade, no qual tem como principal característica nesta fase, a exploração e interação através dos sentidos. O Estágio Pré-operatório, que ocorre dos dois aos sete anos de idade, em que, nesta fase a criança tem como característica o egocentrismo. O terceiro estágio é denominado Estágio Operatório Concreto, que ocorre dos sete aos doze anos de idade, e tem como um dos aspectos o pensamento lógico e concreto. E por fim, o Estágio Operatório Formal, que começa a partir dos doze anos, em que

nesse estágio, “os adolescentes conseguem levar a cabo atividades práticas de fatores, não somente deduções a partir de hipóteses” (Schirmann *et al.*, 2019, p. 7).

Partindo desses apontamentos iniciais, foi elaborada uma atividade prática que será analisada à luz dos estudos e estágios de desenvolvimentos de Jean Piaget, a fim de identificar durante o desenvolvimento da atividade características do estágio de desenvolvimento correspondente a idade da criança.

ATIVIDADE APLICADA À CRIANÇA

A criança participante deste estudo é um menino de 9 anos de idade que estuda no 4º ano do Ensino Fundamental. De acordo com os Estágios de Desenvolvimento de Piaget, a criança nessa idade inclui-se no terceiro estágio de desenvolvimento, o Estágio Operacional Concreto, que ocorre dos 7 aos 11 anos.

CARACTERÍSTICAS DA ATIVIDADE :

COMPONENTE CURRICULAR: Matemática

CONTEÚDO: Sistema de Numeração Decimal

OBJETIVOS: Formar o maior número possível de acordo com sua posição

RECURSOS MATERIAIS: folhas de papel, fichas numéricas e lápis.

APLICAÇÃO:

No primeiro momento foi entregue à criança uma tabela do sistema de numeração decimal.

Em seguida foi explicado as regras do jogo “BATALHA DOS NÚMEROS”:

Em duplas, cada participante irá decidir qual jogador irá iniciar.

O participante que começa deverá sortear uma das fichas numéricas dentro da caixa.

Dentro da caixa há números de 1 a 9, sendo dois de cada número.

Ao ver número sorteado, é necessário posicioná-lo imediatamente em um local da sua tabela que correspondem a centena, dezena ou unidade;

Não é permitido mudar o local após a escolha.

Após isso, o segundo jogador irá sortear o seu número e fazer o mesmo procedimento.

O objetivo é formar o maior número possível de acordo com o valor posicional do número;

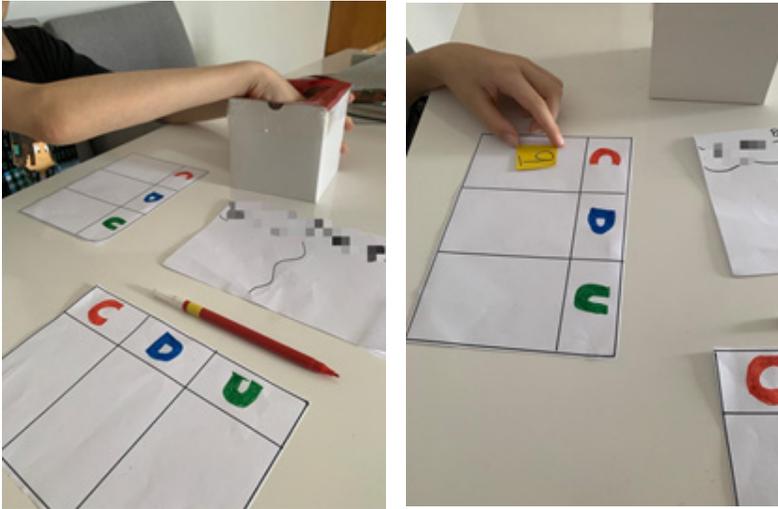
Vence o jogador que ganhar mais rodadas.

A partir da aplicação da atividade e analisando-a à luz do Estágio de Desenvolvimento Operacional Concreto de Jean Piaget, no qual essa fase é caracterizada pelo raciocínio lógico, em que a criança é capaz de desenvolver as atividades com agilidade, utilizando operações mentais para resolver problemas concretos. Foi obtida as seguintes percepções:

Após todos os esclarecimentos referente às regras do jogo, a criança demonstrou compreensão das regras, sendo essa uma característica do Estágio Operatório Concreto.

Ao iniciarmos a primeira rodada, a criança sortear o número 9, ciente de que tinha como objetivo formar o maior número possível, imediatamente a criança posicionou o número 9 no local da centena.

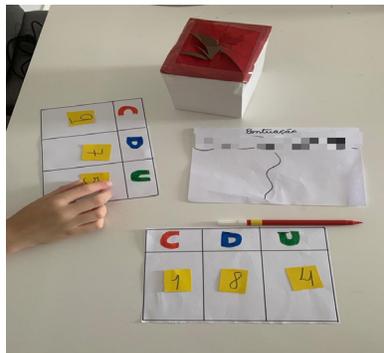
Figura 1: Atividade Prática



Ao ser questionado o por que ele fez essa escolha, o mesmo explicou que o número 9 era o maior número, então, ela formaria um número maior colocando-a na centena. Percebe-se com sua resposta que mesmo foi capaz de realizar operações mentalmente antes de posicionar o número, a fim de atingir o objetivo proposto no jogo.

Ao final da jogada a criança formou o maior número como esperado, ganhando a primeira rodada.

Figura 3: Atividade Prática



Na segunda rodada, a criança sorteou o número 8 e posicionou na dezena, em minha vez, sorteiei o número 9 e o posicionei também na dezena, ao ver a minha jogada a criança já inferiu que iria perder aquela rodada, pelo fato do 9 ser maior que o 8.

Para dificultar um pouco mais, incluiu-se na tabela de numeração decimal a unidade de milhar, após isso, iniciamos mais uma “Batalha de Números”. Novamente a criança demonstrou capacidade para resolver problemas de forma rápida e racional, estabelecendo relações com os conhecimentos que ela já tinha sobre o sistema de numeração decimal, com o jogo, que é algo novo, pois a mesma nunca tinha jogado.

Figura 4: Atividade Prática



Diante das observações, fiz uma proposta contrária ao objetivo do jogo. A partir de agora, venceria a rodada quem formasse o menor número possível.

Nesse novo desafio proposto, criança demonstrou conseguir raciocinar de forma coerente, e ao sortear um número maior, o posicionou nas unidades, e ao sortear um número menor o posicionou na unidade de milhar ou dezena de acordo com o novo objetivo do jogo.

A partir da atividade prática, percebeu-se que a criança respondeu de acordo com Estágio Operatório Concreto, compreendeu as regras do jogo, demonstrou o domínio de operações lógicas e concretas, classificou os números para atender aos objetivos do jogo e realizou operações mentalmente para formar o maior e menor número.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. *Tornar a educação inclusiva: como essa tarefa deve ser conceituada?* In: FAVERO, Osmar.; FERREIRA, Windy (org.). *Tornar a Educação Inclusiva*. Brasília: UNESCO, 2009. p. 11-24.

CÂNDIDO, Glaucia Vieira; VASCONCELOS, Daiane Alves de; PINTO, Jéssica Hilário. *Uma breve reflexão sobre a educação inclusiva contemporânea à luz da Didática magna de Comenius*. 2022.

FEITOZA, Maria das Graças Cavalcante de Melo. *As atribuições do professor do AEE*. 2017.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. *Revista de Educação*, p. 5-20, 2008.

MIRANDA, Marcia de Fatima Rinck; DOS SANTOS, Marlene Aparecida Rinck. *As Contribuições De Johann Heinrich Pestalozzi Para A Educação*. 2015.

PEREIRA, Meira Chaves. Educação e didática em Comenius. *Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria*, v. 9, n. 2, p. 104-115, 2016. Disponível em: http://refiedu.webs.uvigo.es/Refiedu/Vol9_2/REFIEDU_9_2_4_ex199.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. In: *VI Congresso Nacional de Educação. 2019*. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID4743_27092019225225.pdf. Acesso em: 26 maio 2023.

SANTHIAGO, Dyeniffer Simão; COLONETTI, Cinara Lino. A relação dos professores regentes e professores do atendimento educacional especializado—AEE nos anos iniciais do ensino fundamental no município de Criciúma. *Revista Saberes Pedagógicos*, v. 1, n. 1, p. 42-61, 2017.

SCHMIDT, Felipe. Pessoas com deficiência: breves notas sobre sua terminologia, seu conceito jurídico e sua disciplina constitucional no Brasil. *Revista Jurídica do Ministério Público do Estado do Tocantins*, v. 1, n. 17, p. 142-157, 2019.

O OLHAR PIAGETIANO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Magno Alexon Bezerra Seabra

Maria Maysa Romão Bezerra

Nadja dos Santos Araújo

INTRODUÇÃO

Todo ambiente escolar deve procurar proporcionar aos seus estudantes condições justas e igualitárias de acesso ao conhecimento, cidadania e meios que possibilitem o seu desenvolvimento, e não seria diferente quando nos referimos ao aluno com deficiência, que mesmo diante das suas necessidades educativas, tem o seu direito de ter acesso a todas as nuances que o ambiente escolar pode proporcionar. Existem diversos meios de possibilitar que todos tenham a oportunidade de aprender e desenvolver, mas o que o meio oferece influencia diretamente na conjuntura que permite que este indivíduo possa evoluir (Palangana, 2015).

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise com base nos estudos de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo de um aluno com deficiência intelectual e baixa visão diante da execução de um jogo de dominó das emoções. Sabendo a importância que dissertar sobre o conhecimento compartilhado no espaço acadêmico traz contribuições relevantes para a formação do graduando. Com o argumento da necessidade de uma teoria que traga contribuições para a prática onde juntas elas possam evoluir a práxis educacional, principalmente quando direcionada a educação especial, campo que necessita cada vez mais de profissionais capacitados.

Este artigo será dividido em três partes: primeiramente apresentaremos o caminho metodológico percorrido na pesquisa, a seguir, o refe-

rencial teórico que embasa a pesquisa e, por fim, os resultados e discussões levantadas acerca do tema e as principais conclusões. O estudo apresentará os seguintes tópicos, a análise do tema inclusão, da terminologia pessoa com deficiência, atendimento educacional especializado, o estudo de teóricos como Pestalozzi, Comenius e Piaget relacionando com a educação especial. Como também, a análise com base em Piaget diante de uma atividade prática com um estudante com deficiência.

A metodologia utilizada para construir este trabalho foi a pesquisa bibliográfica e estudo de caso, que se dá através do levantamento de referências teóricas analisadas e publicadas por meio eletrônico, artigos científicos e livros, permitindo reunir o que já foi abordado sobre o tema para encontrar respostas acerca do estudo (Fonseca, 2002 apud Gerhardt; Silveira, 2009). Através do direcionamento do orientador, foi realizada a pesquisa em torno dos temas inclusão, pessoa com deficiência, atendimento educacional especializado, Pestalozzi e Comenius. As referências teóricas que serão estudadas no projeto permitirão conhecer através de diversos autores, com o objetivo de aprofundar o tema em questão para que se possa fundamentar a pesquisa. O conteúdo bibliográfico foi obtido através da leitura de livros, periódicos e pesquisa via internet.

O estudo de caso, se dará através da análise de um estudante com deficiência intelectual e baixa visão realizando uma atividade de jogo, em que o pesquisador não interfere no estudo e observa para que juntamente com a pesquisa bibliográfica possa apresentar resultados sobre os temas estudados.

A INCLUSÃO É COMPLEXA?

Falar de uma prática pedagógica inclusiva é desenvolver uma metodologia que garanta a aprendizagem de todos, como também tornar o currículo acessível a uma maior diversidade de alunos. Assim como, que

todos possam compreender o que se ensina, sejam avaliados dentro de suas possibilidades e necessidades, e principalmente, se sintam motivados a aprender. O aluno precisa sentir que dentro daquele contexto ele pode expressar suas necessidades, sabendo que será acolhido e incluído dentro do processo educativo. Como afirma Nunes e Madureira (2015), além de garantir o acesso, é importante exercer práticas pedagógicas que garantam a legítima participação de diferentes realidades, para que todos possam ter possibilidades de aprendizagens. Com adaptações curriculares que priorizem como e quando os estudantes devem aprender e conduzir as avaliações livres de rótulos (Costa; Rodrigue, 2018). O principal objetivo da educação especial na perspectiva da inclusão, é possibilitar que as pessoas com deficiência conquistem sua independência e autonomia, respeitando as suas singularidades (Marvila, et al. 2018).

Por isso, a escola deve buscar ferramentas que permitam que este indivíduo participe de maneira integral da vida escolar, trabalhar um processo educacional inclusivo que proporcione a todos os envolvidos a participação e o crescimento, contribuir que ele como cidadão seja capaz de atuar de forma ativa na sociedade e encontre nesse ambiente o respeito e a aceitação das diferenças, numa perspectiva prática e não apenas teórica (Nunes; Madureira, 2015).

Se hoje existe uma busca de alcançar escolas efetivamente inclusivas, é preciso repensar a forma como esse processo é conduzido, entender qual o real sentido da educação, aprendizagem e das relações que se constituem nesse espaço. Entender que a aprendizagem acontece em processos que vão além dos caminhos que envolvem a cognição, ela está intrínseca nas relações, experiências e emoções, então desconsiderar que o aluno é um ser que sente vai influenciar diretamente no alcance das suas necessidades educativas. É preciso construir um ambiente que consiga enxergar os sujeitos envolvidos de forma integral, reconhecendo sua legitimidade, necessidades e potencialidades, para que no processo educativo todos estejam confiantes para expressar suas necessidades de aprendizagem.

A FORMA COMO SE REFERE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A terminologia usada para designar o indivíduo que possui algum tipo de deficiência passou por modificações ao longo dos anos, principalmente acompanhando o avanço dos estudos quando nos referimos à pessoa com deficiência. Outro ponto, que é interessante destacar é que essa terminologia também acompanha a evolução dos modelos biomédico/clínico, social e biopsicossocial da deficiência, que é justamente o olhar da sociedade para o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

O termo pessoa com deficiência acompanha os avanços da concepção que a Organização das Nações Unidas - ONU apresenta para o tema, desloca a deficiência do indivíduo em si para relação/interação com sua atitude e ambiente, elementos esses que podem dificultar ou facilitar a participação social. A classificação considera os fatores contextuais externos ao indivíduo como barreiras ou agentes facilitadores que podem provocar ou não a experiência da deficiência. A deficiência deixou de ser relacionada a uma patologia, centrada nas características biológicas do indivíduo, e passou a ser considerada questão ambiental, de interação com a sociedade e o ambiente. Ela rompe com a ideia de limitação, presente na pessoa, mostrando que situação de deficiência depende das condições do ambiente (Silva, 2015).

A importância de compreender as diferenças entre excepcional e pessoa com deficiência traz para a vida destes indivíduos, é necessário para que entenda que existe uma pessoa além da sua deficiência, que ela não se reduz ou porta aquilo consigo como se pudesse se livrar ou se desfazer quando achasse necessário, então há uma pessoa/indivíduo acima de tudo e de qualquer terminologia. É importante ressaltar que a terminologia também dependendo de como fosse aplicada principalmente quando se diz inválido, incapacitado e etc traz mais um ponto de exclusão para a vida destas pessoas, as quais já vivem no seu cotidiano diversas formas de segregação, exclusão e barreiras atitudinais e arquitetônicas, entre outras.

Pensar em uma sociedade que busca evoluir na inclusão da maior diversidade de indivíduos, é preciso também pensar que esse cuidado passa também pelo cuidado com a linguagem, de como se fala e com quem se fala. Através do modo que se fala se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências (Sasaki, 2003).

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E OS DESAFIOS

O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da Educação Especial que visa a atender as necessidades básicas dos estudantes, na busca de superar os obstáculos que impeçam ou dificultem o acesso ao saber escolarizado de estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. O AEE se apresenta como um suplemento ou complemento a formação dos estudantes com o objetivo de potencializar sua autonomia e independência na escola e fora dela, garante a transversalidade das ações de educação especial no ensino regular e assegura condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino (Bersch, 2010).

O professor do AEE deve elaborar e executar o Plano de Atendimento Educacional Especializado buscando identificar as necessidades educacionais específicas dos alunos, a definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas. Como também para avaliar a funcionalidade e aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade, como também possa orientar a família e os professores para promover a plena participação dos alunos nas atividades escolares, e garantir a sua autonomia (Vilaronga; Mendes, 2014).

Uma das principais dificuldades, é que muitas escolas confundem a sala de recursos multifuncionais como o local que qualquer aluno que

apresente dificuldades de aprendizagem possa ser encaminhado para esse ambiente, mostrando que ainda a uma situação conflitante no entendimento de qual o público alvo do AEE. Devido a esta problemática a superlotação da sala dificulta os atendimentos e como também diminuem a eficácia do mesmo, já que o objetivo de funcionalidade da sala não é direcionado a esse público. Essa situação só aumenta outra dificuldade já enfrentada por esse professor, que por muitas vezes está sozinho, tendo que atender a diversas especificidades advinda do aluno, como também atende a vários níveis de ensino, ficando sobrecarregado para a realização de um trabalho direcionado que atenda às necessidades específicas de cada aluno. Com a demanda cada vez maior, acontece uma falta de profissionais capacitados para atuar no AEE, e muitos que já estão em exercício não possuem a formação necessária e não realizam formação continuada para se atualizar quais as novas possibilidades para melhorar sua atuação.

Relacionado a facilidade de usufruir do AEE, muitos alunos não conseguem frequentar em horário oposto ao ensino, por falta de transporte, condições financeiras, impossibilidades por parte da família, ou da escola ter um turno fixo para esse atendimento, acarretando de muitas vezes esse aluno frequentar a sala do AEE no mesmo horário de suas aulas na sala de aula comum, comprometendo o processo de aprendizagem pois o aluno perde a sequência didática que o professor desenvolve no ensino regular e a sala de recursos não dá continuidade a esse aprendizado.

PESTALOZZI E A PRÁTICA

Pestalozzi é um educador moderno, marcado em seu pensamento pelo Iluminismo, fase conhecida pela retomada da razão, do pensamento científico, traz para a educação grandes transformações, filho do seu tempo, inclusive quando enfrenta os excessos racionalistas e a concepção individualista de educação, pois o faz com os recursos da própria moder-

nidade. A pretensão de ver a educação como elo transformador da humanidade a partir do melhoramento individual apenas se amplia ao pensar que esse processo deve ser estendido a todos e o coloca num tronco filosófico plenamente moderno (Incontrin, 1996).

Pestalozzi traz para a questão da educação, o sentimento se desvinculando daquele ensino racionalista que se centrava na razão, ele apontava para a importância de que o amor devia fazer parte da prática pedagógica, trazendo para o ambiente escola o acolhimento, o reconhecimento das necessidades de todos os envolvidos e uma educação voltada para a cidadania, então este sentimento devia ser essencial na relação desenvolvida entre professor e educando. Apontou também a necessidade da educação contribuir para o pleno desenvolvimento do indivíduo, em que ele fosse guiado a desenvolver autonomia, com base numa prática pedagógica que possibilitasse o desenvolvimento intelectual, moral e profissional, alertando que essa educação não ficasse apenas na teoria, mas sim fosse aplicada na prática, através do exemplo, permitindo a construção de valores nos educandos, principalmente que não precisasse ficar ali doutrinando, fosse algo aprendido com a execução em atividades diárias, de forma orgânica (Soetard, 2010).

Para o estudioso toda criança tinha direito a desenvolvimento da inteligência, para ele a base da educação começava na família, sendo o espaço escolar uma extensão da casa do educando, portanto sendo necessário ser um lugar de segurança e afeto, só assim as crianças aprenderiam e se relacionariam com respeito. Ele revolucionou de diversas formas a prática educativa, foi responsável por apresentar novos recursos metodológicos e elaborou seus próprios materiais pedagógicos, que tinha como foco o desenvolvimento da linguagem, geografia, partindo do princípio da aprendizagem por etapas gradativas (Miranda; Santos, 2015).

COMENIUS E A VIDA REAL

Comenius, que é considerado o pai da didática, foi o primeiro a pensar o ensino como objeto de análise. Ele adotou o método empírico de explorar o mundo, em contraposição às verdades impostas pelo ensino medieval. Pela experimentação, ele acreditava que todos poderiam vir a enxergar a harmonia do universo sob o caos aparente, queria mudar a escola com a didática e a sociedade com a educação. Foi o primeiro educador, no Ocidente, a interessar-se na relação ensino/aprendizagem, levando em conta haver diferença entre o ensinar e o aprender. Declarava o direito universal da educação igualitária para todas as pessoas, de todos os povos e de qualquer condição.

Propôs uma didática que ensina de modo fácil e sólido, sem a superficialidade do ensino de qualquer maneira, apresenta uma escola moderna, criou uma proposta de ensino articulado, destinado à tarefa de ensinar tudo a todos. Rompeu com a tradição católica que preservava o modo escolástico de ensino, utiliza-se de exemplos retirados da natureza para sugerir atividades concretas de ensino. Para ele o ensino é responsável pela salvação comum do gênero humano, por isso este deve ser encarado como uma tarefa conjunta, ponderada pelo juízo de todos. Apresentou fundamentos para se alcançar a solidez no ensinar e no aprender e destaca princípios para a concisão e rapidez no ensino. Destacou a necessidade de definir métodos e objetivos para serem alcançados no ensino, quando o trabalho fosse desenvolvido em grandes turmas, fosse feita uma divisão de grupos de trabalho. Alertou para a necessidade de um ensino exposto de modo claro e usando o máximo de sentidos, e que apresentasse conteúdos utilitários para a vida cotidiana. Suas ideias se resumem em três fundamentos: naturalidade, intuição e auto atividade (Haydt, 2011).

Ele enxergou que o sistema de escolas públicas não dava a garantia de uma boa educação com sucessos de aprendizagem aos que a ela procu-

rassem, e hoje observamos que os esforços dos estudiosos da área é para que a educação pública realize um ensino que dê a oportunidade do aluno aprender efetivamente. Através da aplicação da BNCC - Base Nacional Comum Curricular percebemos que há uma preocupação de preparar esse aluno para atuar em seu contexto, e observamos essa luta na obra de Comenius quando ele acreditava que a escola deve preparar para a vida real e o contexto que o aluno está inserido, e principalmente o professor superar aula meramente orais. Podemos também comparar com os métodos aplicado hoje de metodologias ativas que melhora a comunicação entre professor e aluno, como também a inserção da tecnologia no ambiente escolar, propostas estas já apresentadas por Comenius, que defendia a ideia de trazer a realidade social para a sala de aula, fazendo uso dos meios tecnológicos mais avançados à disposição. No estudo dos fundamentos de ensino propostos por Comenius, nota-se a preocupação deste com a prática de ensino existente na época, derivada da realidade por ele vivida, e percebemos isso no contexto da educação nos dias atuais, existe uma preocupação para atender as necessidades educativas específicas e contextuais.

PIAGET E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Os processos de aquisição de conhecimento que aparecem nas investigações nos postulados da teoria psicogenética de Piaget, apresentam os indivíduos em níveis de desenvolvimento e esquemas de assimilação/acomodação/equilíbrio, como ponto de partida da aprendizagem e os erros sistemáticos cometidos como construtivos, já que revelam uma busca coerente do sujeito em relação ao objeto de conhecimento. Piaget valoriza a aprendizagem pela descoberta; o desenvolvimento de habilidades cognitivas; sugeriam que os estudantes deveriam lidar diretamente com materiais e realizar experiências para aprender de modo significativo e que o professor não deveria ser um transmissor de informações, mas

orientador do ensino e da aprendizagem. Para Piaget o aprendizado possui ligação entre estas três etapas: adaptação, acomodação e assimilação, isso associado ao meio que está inserido e as oportunidades que são oferecidas.

O material utilizado para a análise foi um jogo de dominó das emoções, em que as peças são sinalizadas pela cor que a emoção representa e o desenho relacionado a emoção.

Figura 01: Dominó das Emoções



Fonte: Foto tirada no momento da aplicação

O aluno observado tem 12 anos, frequenta o 9º ano do ensino fundamental II - anos finais no ensino regular e o AEE em um Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência. O campo de análise foi no AEE da Escola deste centro de apoio, o aluno estava em atendimento e o jogo foi aplicado com ele e mais 5 alunos que estavam na mesma sala.

Figura 02: Aplicação da atividade



Fonte: Foto tirada no momento da aplicação

O jogo é um recurso de aprendizagem que auxilia no ensino e na formação das crianças, de forma eficiente pela sua ludicidade e por estar presente no cotidiano das crianças. Piaget acredita que as manifestações lúdicas estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da inteligência na infância pois estão associadas ao desenvolvimento cognitivo, então jogar na fase infantil permite que a criança assimile novos conhecimentos e os acomodem (Barbosa; Botelho, 2008).

Aplicação da pesquisa, o jogo de dominó é composto por 24 peças, foi dividido 6 para cada aluno, fiz uma explicação breve de como funcionaria o jogo, todos já conheciam a lógica do jogo, mas nunca haviam jogado da forma de selecionar por cores e emoções, então iniciei o jogo para observar se eles tinha entendido a lógica. Voltado para o aluno observado na roda inicial ele teve um pouco de dificuldade pelo fato de conhecer o jogo apenas com número, então ele questionou algumas vezes se a escolha deve está devidamente certa, ele queria a certificação de sua conduta estava correta. Por ser o aluno mais novo que participava da atividade, ele

mostrava uma certa falta de paciência com a espera da atuação dos outros jogadores porque ele queria saber se ia ganhar logo. Durante a atividade, mesmo quando não era o seu momento, ele comentava as jogadas dos outros alunos e apresentava a solução correta caso alguém cometesse algum erro durante a atividade. Então foi possível observar claramente as fases descritas por Piaget em cada momento da atividade e interação realizada com o estudante.

Este aluno se encontra de acordo com Piaget na fase de desenvolvimento cognitivo operatório-concreto (7 a 12 anos) que se caracteriza por evolução do pensamento lógico e objetivo, e a criança consegue perceber que pode reiniciar suas ações, é um comportamento móvel e mais flexível, ela sai daquele pensamento totalmente egocêntrico e consegue se conectar e construir um pensamento mais alinhado com o mundo que está inserida, não há mais aquele envolvimento do mundo real e de fantasia, a tendência lúdica do pensamento, típica da fase anterior, é substituída por uma atitude crítica (Barbosa; Botelho, 2008). A criança se organiza com o que está presente, ela está ali presa a realidade concreta, outra característica importante é que a criança ela tenta compreender o pensamento do outro, mas também se empenha para que seja entendida pelas outras pessoas, também o sistema de regulação que até esta fase tinha como característica a instabilidade, recupera o equilíbrio entre assimilação e acomodação (Palangana, 2015).

Analisando o comportamento do aluno observado em relação a essa fase, o que foi possível destacar, mesmo com a questão da deficiência intelectual o aluno está totalmente alinhado com a fase descrita, ele tem poder de argumentação, de trabalhar com o pensamento lógico de forma concreta, assimilando a situação e colocando seus pontos e interpretações diante das situações, ele tem um comportamento bem crítico diante das situações em que está inserido. Outro questão interessante é a capacidade

de reverter suas ações, diversas vezes ele tomou atitudes de forma imediata e após uma análise crítica ele reformulou suas ações.

O estudante consegue claramente, após entender a lógica da atividade através de processos mentais resolver problemas concretos, neste caso o funcionamento do jogo, ele claramente entende, até mesmo contribuindo com os outros colegas de sala no desenvolvimento da atividade. É possível destacar também relacionado aos estudos de Piaget a forma que ele enxerga o jogo na sua forma mais real, ele não se apega ao aspecto lúdico das cores está relacionada às emoções e ao desenho, e sim ao fato concreto que para que ele consiga ganhar é preciso unir as cores iguais e diminuir até acabar as peças em mãos, mas isso só foi possível pelos encaminhamentos recebidos, só a maturação não é suficiente, é preciso ser estimulado. Ele tem a capacidade de organizar e coordenar seu pensamento, mas talvez se o ambiente e a forma como foi explicado a atividade, ele não conseguiria organizar seus pensamentos. Piaget também aponta a capacidade que a criança tem de aprender com o erro nessa fase, era possível perceber que atentamente ele observava os colegas para que se algum erresse ele pudesse ajudar de alguma forma, então ele tinha total capacidade de identificar o erro e a partir da experiência formular a hipótese correta.

É totalmente perceptível a necessidade de direcionamentos, ações e estímulos concretos quando relacionado a este estudante, tudo que é direcionado a ele precisa de que seja provado que é possível de forma mais lógica e evidente. A fase é definida por isso pela representação de ações possíveis e não é para causar estranhamento por ela está inserida nos últimos anos da infância, um pouco antes de que haja a capacidade de se pensar em operações formais (Piaget, 1999). A importância de conhecer essa fase e suas características contribui para que toda ação seja direcionada ao que a criança tem entendimento e capacidade no momento, não é uma atividade desconectada do nível cognitivo da criança, a qual não causará nenhum ponto de interesse nela, despertando o envolvimento com o

que é proposto. Compreender o que Piaget diz permite também quando relacionada à pessoa com deficiência fugir de atividades desconexas da fase do estudante, atividades que não contribuem e nem instigam o seu desenvolvimento. É preciso entender que a atividade deve apropriar-se de experiências, atitudes e valores, trazendo resultados positivos para a aprendizagem do aluno.

CONCLUSÃO

Com a realização deste estudo foi possível compreender a importância do estudo teórico para que tenha compreensão de temas importantes para a atuação de um pedagogo na educação, e trazendo para este contexto a educação especial. É preciso ter uma noção da relação complexa que existe entre aprendizagem e desenvolvimento, isto só é possível quando se tem como base um aprofundamento teórico de alguns estudiosos da questão educacional. Quando o professor tem a responsabilidade de estar a frente de uma sala de aula, ele precisa conhecer aspectos importantes do público que ele vai atuar, principalmente qual o universo que os cerca, é impossível entrar em uma sala de aula e não considerar a realidade do mundo no qual os alunos estão inseridos. O conhecimento teórico e prático é de extrema relevância, mas pode se tornar obsoleto se não conseguir interferir de forma construtiva na vida do aluno. Entender as fases do desenvolvimento e o que cada etapa compõe é de extrema relevância para uma atuação pedagógica que apresente resultados positivos para o estudante, aplicar metodologias e atividades desligadas da realidade não vai trazer resultados significativos.

A leitura e debate sobre temas atuais, trouxe um novo olhar para minha compreensão sobre a educação especial, entender que cada indivíduo ocupa um lugar na sociedade e que este lugar sofre diversas interferências do mundo atual, faz perceber que é preciso antes de tudo dentro

do espaço escolar, proporcionar oportunidades para que todos tenha vivências importantes para sua faixa etária, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, ter uma educação baseada na experiência, ter diversas oportunidades para construir vários olhares sobre o mundo que o cerca. Principalmente porque dentro do seu contexto, em sua maioria, estão cercadas de informações que não partem da sua própria construção e sim daqueles que estão à frente dos seus cuidados, então além de tudo é preciso que a educação dê autonomia.

Entender que todo indivíduo é um produto do meio e contexto histórico que ele está inserido também é primordial, o trabalho do pedagogo com o público da educação especial precisa estar em constante movimento e adaptação, para que resultados sejam alcançados. Acredito que cada pessoa passa por demandas e problematizações decorrentes do ambiente que está inserida sendo ela ou não pessoa com deficiência, o importante é a escola entender qual o seu papel e o professor ter a percepção para desenvolver um trabalho voltado de acordo com a realidade do seu educando, é um dos primeiros passos para contribuir para a construção do conhecimento.

A atuação do professor precisa ter um caminho que leva para a construção da cidadania plural e empoderamento de seus alunos, contribuindo para a superação dos desafios individuais e coletivos, resultando em um ambiente capaz de viver plenamente apesar das dificuldades, para assim alcançar uma aprendizagem efetiva para os alunos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. L.; BOTELHO, H. S. *Jogos e brincadeiras na educação infantil*. Lavras, 2008.

BERSCH, R. *Atendimento educacional especializado do aluno com deficiência física*. Moderna. 2010.

COSTA, V. B.; RODRIGUES, V. R. Adaptação curricular e flexibilização na avaliação: Alguns dilemas da inclusão. *Ciclo Revista*, v. 3, n. 1, set. 2018.

GERHARDT, E. T.; SILVEIRA, T. D. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

HAYDT, R. C. C. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2011.

INCONTRI, D. *Pestalozzi: educação e ética*. São Paulo: Scipione, 1996.

MARVILA, N. C. et al. Alunos público da educação especial na educação infantil: O que dizem as crianças?. IN: V Seminário nacional de educação especial, V, 2018, Vitória. *ANAIS [...]* Vitória: 2018, p. 1068-1071.

MIRANDA, M. F. R.; SANTOS, M. A. R. As contribuições de Johann Heinrich Pestalozzi para a educação. IN: IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar, IX, 2015, Maringá. *ANAIS [...]* Maringá: 2015, p. 4-10.

NUNES, C., MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Da Investigação às Práticas*, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 126 - 143, jul. 2015.

PALANGANA, I. C. *Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância social*. São Paulo: Summus, 2015.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1999.

SASSAKI, R. K. *Como chamar as pessoas que têm deficiência*. São Paulo: RNR, 2003.

SILVA, I. M. A. *Refletindo sobre as concepções de deficiência*. 2015.

SOETARD, M. *Johan Pestalozzi - Coleção Educadores*. Recife: Massarenga, 2010.

VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Revista Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília , v. 95, n. 239, p. 139-151, Abr. 2014.

